



VERDE-OLIVA

Exército Brasileiro

BRÁSILIA-DF • ANO XXXIII • Nº 189 • JUL/AGO/SET 2006 CENTRO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DO EXÉRCITO

- INSTRUÇÃO INDIVIDUAL DE QUALIFICAÇÃO
- EXÉRCITO – UM MUNDO DE OPORTUNIDADES
- CCOMSEX – PROJETO PESQUISA
- EAD – O ENSINO A DISTÂNCIA
- AMAZÔNIA – PELOTÕES ESPECIAIS DE FRONTEIRA

Financiamento Imobiliário



NOVAS CONDIÇÕES:

- ✓ taxas de juros menores
- ✓ prazos e limites de financiamento maiores
- ✓ carência de apenas 1 mês como poupador POUPEX
- ✓ saldo médio de apenas 10% do valor do financiamento, em Poupança POUPEX

CONDIÇÕES
ESPECIAIS PARA
MILITARES COM PATENTE
ATÉ CAPITÃO

MAIS INFORMAÇÕES: 0800 61-3040

ESCRITÓRIO REGIONAL DA FHE NO DISTRITO FEDERAL - ESCDF

QGEEx - BL. "H" - Térreo (SMU) - 70630-901
Brasília-DF - Fone (61) 3225.3932, 3225.8339, e 3415.6605 - Fax (61) 3415.5459

FHE Fundação
Habitacional
do Exército

fhe.org.br

POUPEX

Associação
de Poupança
e Empréstimo

poupex.com.br



VERDE-OLIVA – Ano XXXIII – Nº 189 – Jul/Ago/Set 2006



Caros leitores!

Passados três meses da última edição, retomamos o nosso convívio. É com satisfação que apresentamos a Revista **Verde-Oliva** nº 189. Esperamos que nosso esforço para oferecer um veículo de divulgação capaz de informar e entreter seja plenamente recompensado pelo interesse de todos.

O atual período é caracterizado pelo aniversário do mais ilustre personagem do Exército e da História brasileira: o Duque de **Caxias**. O Pacificador liga-se à construção da Pátria como paradigma de cidadão, de soldado e de estadista; contudo, nesta edição, pretendemos nos ater à sua visão estratégica.

A operacionalidade tem sido motivo de atenção especial de nosso Exército. Os artigos "Instrução Individual de Qualificação", "Centros de Aplicação e Exercícios de Simulação de Combate" e "Centros de Instrução do Exército Brasileiro" procuram expor parte da estrutura e dos processos de formação e adestramento individual e coletivo.

No panorama internacional, distinguimos o intercâmbio de Comunicação Social entre o Brasil e o Chile, com a visita de dois oficiais brasileiros ao Departamento de Comunicação do Exército do Chile, e as comemorações do décimo aniversário da Cooperação Militar Brasileira no Paraguai.

Mesmo com toda a evolução tecnológica das últimas décadas, o fuzil e o blindado permanecem como materiais de emprego militar essenciais. Por essas razões, a Revista **Verde-Oliva** traz um artigo enfocando o fuzil 5,56 fabricado pela IMBEL, e outro sobre as viaturas blindadas utilizadas pelo Exército Brasileiro. Não deixe de conferi-los.

O combate moderno torna imperiosa a integração e a perfeita coordenação de todos os meios existentes terrestres, aéreos e navais. A Operação Timbó IV, realizada em julho, buscou aperfeiçoar o emprego combinado de nossas Forças Armadas. A 3ª edição anual de nossa revista expõe os principais eventos e aspectos desse exercício desenvolvido na Amazônia.

Viver em um Pelotão de Fronteira do Exército Brasileiro requer dedicação, abnegação e profissionalismo. Nossos pelotões possuem características que vão além das lides normais da caserna. O artigo "Amazônia – Pelotões Especiais de Fronteira" procura retratar a vida nessas singulares Organizações Militares e sua importância para a manutenção da soberania brasileira.

A evolução vertiginosa do conhecimento trouxe novos desafios para o sistema educacional. A formação e o aperfeiçoamento dos recursos humanos, continuados, foram fortalecidos pelo ensino a distância. Considerada sua relevância, a edição nº 189 brinda nossos leitores com a matéria "EAD – O Ensino a Distância", que retrata a experiência do Exército Brasileiro nessa modalidade de ensino.

Na tradicional seção "Personagem da Nossa História", surge o Marechal **José Pessoa**, idealizador da Academia Militar das Agulhas Negras, berço da juventude militar brasileira. A edição nº 189 traz, também, um artigo sobre o Memorial Presidente **Castello Branco**, recentemente restaurado. Acreditamos que esses temas enriquecerão os conhecimentos de nossos leitores acerca dessas duas personalidades históricas.

Finalmente, destacamos o artigo do Departamento-Geral do Pessoal, que aborda as oportunidades que a Instituição oferece aos cidadãos, seja na aquisição de valores e competências, seja no desenvolvimento de uma carreira; e o 238º aniversário do Hospital Central do Exército.

Obrigado, boa leitura e até a próxima edição.

Gen Div ANTÔNIO GABRIEL ESPER
Chefe do CCOMSEx



Nossa Capa
Combatente de Selva em posição
Pari-Cachoeira/AM

PUBLICAÇÃO DO CENTRO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DO EXÉRCITO (CCOMSEX)

• **Chefe do CCOMSEX:**

Gen Div Antônio Gabriel Esper

• **Subchefe do CCOMSEX:**

Cel Art José Júlio Dias Barreto

• **Chefe de Produção e Divulgação:**

Cel Inf Claudinei Roncolato

CONSELHO EDITORIAL

Cel Inf Claudinei Roncolato,

Cel Cav Luiz Felipe Kraemer Carbonell,

*Cel Art Manoel Lopes de Lima Neto, Cel Art Antonio Carlos Machado

Faillace, Cel R/1 Anderson de Castro Barros

e Ten Cel Cav Walter Gomes da Silva Junior

SUPERVISÃO TÉCNICA

Cel R/1 Anderson de Castro Barros

REDAÇÃO

Cel Art Afonso Henrique Ignácio Pedrosa,

Ten Cel QMB Luciano José Penna

1º Ten QCO Regina Célia de Souza Lemos Barros

PROJETO GRÁFICO

1º Ten QAO Osmar Leão Rodrigues

1º Ten QAO Topo Carlos Alberto Ramos de Moraes

SC Margonete Nazide Nogueira

COORDENAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

Centro de Comunicação Social do Exército

IMPRESSÃO

GRÁFICA EDITORA PALLOTTI LTDA

Av. Plínio Brasil Milano, 2145 – Higienópolis

90520-003 – Porto Alegre-RS

Fones: (32) 2101-4500

TIRAGEM

30.000 exemplares • Circulação dirigida
(no País e no exterior)

FOTOGRAFIAS

Arquivo CCOMSEx

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Maria José dos Santos Oliveira – RP/DF/MS 3199

PERIODICIDADE

Trimestral

É permitida a reprodução de artigos, desde que citada a fonte, exceto das matérias que contiverem indicação em contrário.

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Quartel-General do Exército – Bloco B – Térreo
70630-901 – Setor Militar Urbano – Brasília/DF

Telefone: (61) 3415-4399 • Fax: (61) 3415-5263

www.exercito.gov.br

verdeoliva@exercito.gov.br

SUMÁRIO

OPERAÇÃO TIMBÓ IV 7

COOPERAÇÃO MILITAR BRASILEIRA NO PARAGUAI 8

A VISÃO ESTRATÉGICA DE CAXIAS 10

PREPARAÇÃO DO COMBATENTE DA FORÇA TERRESTRE 14

EXÉRCITO – UM MUNDO DE OPORTUNIDADES 18

SIMULAÇÃO DE COMBATE 21

HOSPITAL CENTRAL DO EXÉRCITO 22

INTERCÂMBIO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL BRASIL-CHILE 24

CCOMSEx – PROJETO PESQUISA 29

ENSINO A DISTÂNCIA 31

FUZIL 5,56 IMBEL MD97L 36

AMAZÔNIA – PELOTÕES ESPECIAIS DE FRONTEIRA 40

VIATURAS BLINDADAS 44

CENTROS DE INSTRUÇÃO 46

MEMORIAL PRESIDENTE CASTELLO BRANCO 49

PERSONAGEM DA NOSSA HISTÓRIA – MARECHAL JOSÉ PESSOA 50

A R I O



7



8



10



14



18



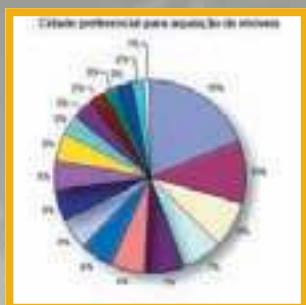
21



22



24



29



31



36



40



44



46



49



50



“Li várias Revistas **Verde-Oliva** e gostei muito das matérias que foram publicadas. Gostaria de continuar a recebê-las. Eu trabalho na Junta de Serviço Militar em Santana do Matos-RN e curto muito a leitura dos artigos publicados. Eu tenho um irmão que é militar em Sergipe, no 28º Batalhão de Caçadores, e espero um dia ler uma matéria sobre esse Batalhão”.

José Etelvino Sobrino - Junta de Serviço Militar de Santana do Matos-RN

“Queria parabenizar a Revista **Verde-Oliva** pela belíssima reportagem sobre as mulheres pára-quedistas. Isto serve como lição de coragem e de amor pelo nosso Exército. Eu me sinto muito orgulhoso de ter servido ao Exército. Lá passei o melhor período da minha vida, um período de patriotismo, convivência e dedicação”.

Carlos Eduardo de Paiva, ex-integrante do 11º BI Mth, São João del Rei-MG

“Prezados Senhores, mais uma vez dirigimo-nos a essa Instituição militar. Desta feita para registrarmos, com alegria, o recebimento de mais uma Revista **Verde-Oliva**. Queremos ressaltar que esta valiosa publicação agradou a todos. Mais uma vez gratos”.

Arçanina Decoté Guilherme – Diretora de Programações Especiais da Igreja Batista em Cachambi – Rio de Janeiro-RJ

“Sentimo-nos honrados e sensibilizados com o recebimento de outra Revista **Verde-Oliva**. Agradecemos e cumprimos toda a equipe pela missão incansável de fazer com que cada edição seja especial. As matérias são ricas, emocionantes, prazerosas e agradáveis. Nós lhes desejamos muito sucesso! Parabenzamos as duas primeiras mulheres brasileiras pára-quedistas do Exército. Elas chegaram lá! Parabéns Tenentes!”.

Euclides Cavalcante de Oliveira - Presidente da Associação dos Ex-combatentes da FEB – Seção de Rondônia – Porto Velho-RO

Caro leitor!

Agradecemos sua participação seja apresentando sugestões, dirigindo agradecimentos ou apontando incorreções.

Contamos com a colaboração dos nossos leitores para fazermos uma revista cada vez melhor. Escrevam sempre.

Equipe da Revista Verde-Oliva.

ERRAMOS

No organograma do Exército, publicado na edição nº 188, devem ser feitas as seguintes correções:

1. Na parte referente à Secretaria de Economia e Finanças não devem constar as ICFEx, pois, embora sejam subordinadas à SEF, elas não estão no mesmo nível hierárquico que as Diretorias e o CPEx;
2. No organograma do Comando Militar do Oeste, onde aparece 9ª RM/9ª DE, leia-se 9ª RM;
3. No organograma do Departamento de Ensino e Pesquisa, onde aparece Diretoria de Estudo Preparatório e Assistencial, leia-se Diretoria de Ensino Preparatório e Assistencial.

Operação TIMBÓ IV



A Operação Timbó IV foi um grande exercício com o objetivo de adestrar as Forças Armadas – Marinha, Exército e Força Aérea – no planejamento e na execução de operações combinadas. Ademais, intensificou a presença da Força Terrestre na faixa de fronteira por meio de patrulhamentos, reconhecimento, proteção de instalações sensíveis, Ações Cívico-Sociais (ACISO) e atividades logísticas, bem como pelo estabelecimento de postos de controle e fiscalização em pontos estratégicos dos principais rios de interesse na região.

No período de 17 a 26 de julho de 2006, em sua quarta versão, a Operação Timbó testou preceitos doutrinários e a prática de interoperabilidade e complementaridade dos meios navais, terrestres e aéreos no ambiente operacional da selva brasileira. Também foram adestrados os integrantes do Comando Combinado da Operação na coordenação e controle de seus recursos humanos e materiais, que foram distribuídos em uma área de 400.000 km² (equivalente à dos Estados do Piauí e Ceará).

O Comando Combinado Amazônia contou com um efetivo de aproximadamente 3.700 militares das Três Forças, nas diversas ações desenvolvidas. Entre

outras atividades, intensificaram-se os contatos com as populações ribeirinhas e o levantamento de dados operacionais que facilitarão futuros planejamentos de emprego militar. Foram utilizados novos meios integrados de comunicações para a composição do sistema de comando e controle (C2) das forças envolvidas.

A Operação Timbó, por ser um exercício combinado, ampliou o já excelente relacionamento institucional existente entre as três Forças, permitindo-lhes o cumprimento, nas melhores condições, de suas atribuições legais, sempre tendo em vista o benefício da sociedade brasileira, que anseia por ver o Estado presente e atuante na manutenção de um ambiente de paz e segurança na Amazônia. —

SELVA!

no Paraguai (CMBP)

10 ANOS DE INTEGRAÇÃO E AMIZADE



A Cooperação Militar Brasileira no Paraguai (CMBP) tem por objetivo promover a cooperação com fins científicos, culturais, tecnológicos e de aperfeiçoamento na área militar. Na oportunidade em que celebra dez anos de convívio, integração e amizade com as Forças Armadas do Paraguai, cabe apresentar, neste artigo, breve histórico do assessoramento militar brasileiro naquele país.

HISTÓRICO

A colaboração militar com o Paraguai teve início em 1851, quando o presidente paraguaio, Dom **Carlos Antonio Lopez**, recebeu o assessoramento do Capitão **Hermenegildo de Albuquerque Portocarrero** e do 1º Tenente **João Carlos de Vilagran Cabrita** para planejar as trincheiras e o posicionamento dos canhões da Fortaleza de Humaitá.

Em 12 de abril de 1934, foi nomeado o primeiro adido militar brasileiro no Paraguai, que deu início à efetiva cooperação bilateral no campo militar.

Em maio de 1942, surgiu a Missão Militar Brasileira de Instrução no Paraguai (MMBIP), que teve intensa participação na formação e no aperfeiçoamento da oficialidade paraguaia. A MMBIP contava com oficiais superiores das Armas e Serviços e capitães com especialização em Artilharia Antiaérea, Pára-quedismo, Educação Física e Equitação. Esses militares atuavam como instrutores nas escolas militares paraguaias e conduziam todo o processo de ensino, inclusive a preparação e a aplicação das verificações da aprendizagem.

O trabalho desenvolvido pela MMBIP ao longo de sua existência é alvo do reconhecimento e da gratidão dos oficiais paraguaios mais antigos, todos aperfeiçoados e especializados pelos "missioneiros". A Missão encerrou suas atividades em 30 de setembro de 1994, após 52 anos de bons serviços prestados ao ensino militar do Paraguai e ao bom relacionamento entre os Exércitos dos dois países.

Considerando a conveniência de serem restabelecidos vínculos de cooperação militar e inspirados no espírito de colaboração que une, desde muitos anos, os dois países, os Governos da República Federativa do Brasil e da República do Paraguai logo retomaram os entendimentos nessa área. Assim, em 24 de julho de 1995, Brasil e Paraguai firmaram um novo acordo, que foi ratificado pelos respectivos poderes legislativos e pela troca de instrumentos diplomáticos. O novo acordo entrou em vigor em 23 de outubro de 1996, data que marca o nascimento da Cooperação Militar Brasileira no Paraguai.

O Exército Brasileiro também cooperou para o desenvolvimento da engenharia civil paraguaia. À época dos presidentes **Juscelino Kubitschek**, do Brasil, e **Alfredo Stroessner**, do Paraguai, foi assinado acordo para integrar os sistemas viários dos dois países. Decorreu desse acordo a criação da Comissão Mista Paraguaia-Brasileira para intensificar os trabalhos de construção da rodovia que une as cidades de *Concepción*, *Pedro Juan Caballero* e *Ponta Porã* (MS). A Ponte da Amizade, que liga *Ciudad del Este* a Foz do Iguaçu (PR), também foi fruto dos trabalhos dessa Comissão.

COOPERAÇÃO MILITAR BRASILEIRA NO PARAGUAI

A partir do acordo, os primeiros técnicos militares brasileiros chegaram a Assunção em 15 de janeiro de 1997, fato que marcou, efetivamente, o início dos trabalhos da CMBP. A missão de refazer os contatos com as Forças Militares do Paraguai e retomar, sob novo enfoque, os trabalhos de assessoramento militar brasileiro naquele país foi atribuída a dois oficiais superiores e ao Adido do Exército à Embaixada do Brasil em Assunção, este último nomeado, cumulativamente, Chefe da Cooperação.

O incremento das atividades da CMBP conduziu ao aumento do efetivo de militares brasileiros. Em 1998, foram incorporados à missão dois novos membros, elevando seu efetivo para quatro técnicos, todos oficiais superiores do Quadro de Estado-Maior da Ativa, representantes das Armas de Infantaria, Cavalaria, Artilharia e Engenharia. Em 2000, a CMBP recebeu um graduado como auxiliar e, em 2002, mais dois oficiais

superiores, um da arma de Comunicações e o outro do Quadro de Material Bélico, perfazendo oito militares.

Ao longo desses dez anos, além do Instituto de Altos Estudos Estratégicos e dos principais institutos de ensino da Força Terrestre Paraguaia, a CMBP vem assessorando vários órgãos das Forças Armadas e do Comando do Exército Paraguaio: a Escola de Comando e Estado-Maior Marechal José Félix Estigarribia, a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, a Academia Militar Francisco Solano Lopez, o Liceu Militar Acosta Ñu, e o Colégio Militar de Sargentos do Exército. Coopera, também, com os Corpos de Exércitos, os Comandos de Artilharia, Engenharia e Comunicações e com a 1ª Divisão de Infantaria.

Uma característica importante nessa atividade de assessoramento é a franqueza de propósitos de ambos os lados. A doutrina brasileira e outros temas de interesse são apresentados pelos técnicos da CMBP e os oficiais paraguaios julgam se esses conhecimentos podem ser aplicados, se são compatíveis com os meios disponíveis e com a cultura militar guarani. Com isso, a cooperação se desenvolve em ambiente de confiança, respeito mútuo e amizade.

É importante, também, ressaltar o trabalho da CMBP no incentivo ao estudo da história militar, na coordenação das diversas atividades de intercâmbio do Exército Brasileiro com as Forças Militares do Paraguai e na condução das viagens de estudos realizadas pelos principais institutos de ensino daquele país ao Brasil.

No começo de 2005, a CMBP realizou uma auto-avaliação de sua estrutura e de suas atividades e, com base nos resultados obtidos, implementou estratégias de melhoria da qualidade, com ênfase na adequação de suas instalações, bem como encaminhou ao Estado-Maior do Exército Brasileiro sugestões para o aperfeiçoamento da missão.

CONCLUSÃO

Ao comemorar dez anos de existência, a CMBP reafirma o orgulho de ser a sucessora da Missão Militar Brasileira de Instrução no Paraguai e da Comissão Mista Paraguaia-Brasileira, vetores importantes da cooperação bilateral no campo militar entre Brasil e Paraguai. Gerações de militares paraguaios e brasileiros guardam na memória, além dos preciosos conhecimentos profissionais trocados, as lembranças da intensa camaradagem, do profundo respeito mútuo e da sincera amizade, pilares permanentes do relacionamento entre o Exército Brasileiro e as Forças Armadas do Paraguai. —

A VISÃO ESTRATÉGICA DE CAXIAS

Até o final do século XVIII, “estratégia” foi um termo tipicamente militar. Embora presentes, as expressões política, econômica e social não estavam contidas no conceito como hoje ele é entendido. A partir do século XIX, os conflitos passaram a exigir uma estratégia militar envolvida com a estratégia nacional. A estratégia nacional permitiu que os estados-nações pudessem mobilizar uma quantidade sem precedentes dos seus recursos humanos e materiais para apoiar um esforço de guerra.

A estratégia prevê o uso da força, o que pode incluir ou não seu emprego em combate. Situações há em que o efeito desejado – a imposição da vontade ao adversário – é obtido por outros meios. Por isso, a estratégia hoje é entendida não só como a aplicação da força, mas também sua exploração e, ainda, a promoção de seu desenvolvimento. O seu papel não é, portanto, intermitente, mas permanente. Relaciona-se com medidas a adotar em tempo de guerra e com ações adotadas em tempo de paz voltadas para determinadas ameaças e hipóteses de emprego.

O estrategista caracteriza-se pela vocação política e militar. Ele deve discernir as condições de lugar, tempo e natureza dos meios e as possibilidades antagonicas, indo das cogitações subjetivas às apreciações e conclusões objetivas.

Por ser algo tão complexo, a estratégia não é obra de um homem, mas fruto do trabalho de equipes e de estados-maiores dotados de conhecimento e responsabilidade. São profissionais que necessitam possuir grande capacidade de adaptar-se a situações novas, rejeitando o conservadorismo e o conformismo.

O Duque de **Caxias**, além de inspiradas ações nos campos de batalha, adotou medidas políticas, psicológicas e até econômicas em sua atuação na História do Brasil, em especial nas ações voltadas para a manutenção da integridade nacional e a consolidação da identidade do Exército Brasileiro. A adoção de tais medidas ficou evidente em sua atuação na Guerra da



Tríplice Aliança, na qual a aplicação de uma estratégia nacional se fez presente com a mobilização de recursos humanos e materiais para apoiar o esforço de guerra. Assim, a ação de **Caxias** possibilitou o preparo e a aplicação dos meios militares para a consecução e a manutenção dos objetivos estabelecidos pela política nacional. As operações conduzidas por ele se caracterizaram pela objetividade e pelo emprego adequado da força e do material disponível.

CONHECENDO CAXIAS

De uma família de militares com onze generais, em três gerações, nasceu **Luís Alves de Lima e Silva**, em 25 de agosto de 1803, na Fazenda São Paulo, localizada na Vila da Estrela, Capitania do Rio de Janeiro.

Caxias é o Patrono do Exército Brasileiro. No ano de 1962, um Decreto do Governo Federal eternizou os valores profissionais e morais do maior soldado da Instituição atribuindo-lhe esse título. Os exemplos de líder e estadista, de chefe militar e de cidadão, serviram de embasamento para que **Luís Alves de Lima e Silva** fizesse da política de sua época uma aliada. Seus feitos como militar invencível serviram para conquistar apoio político no parlamento brasileiro em meados do século XIX.

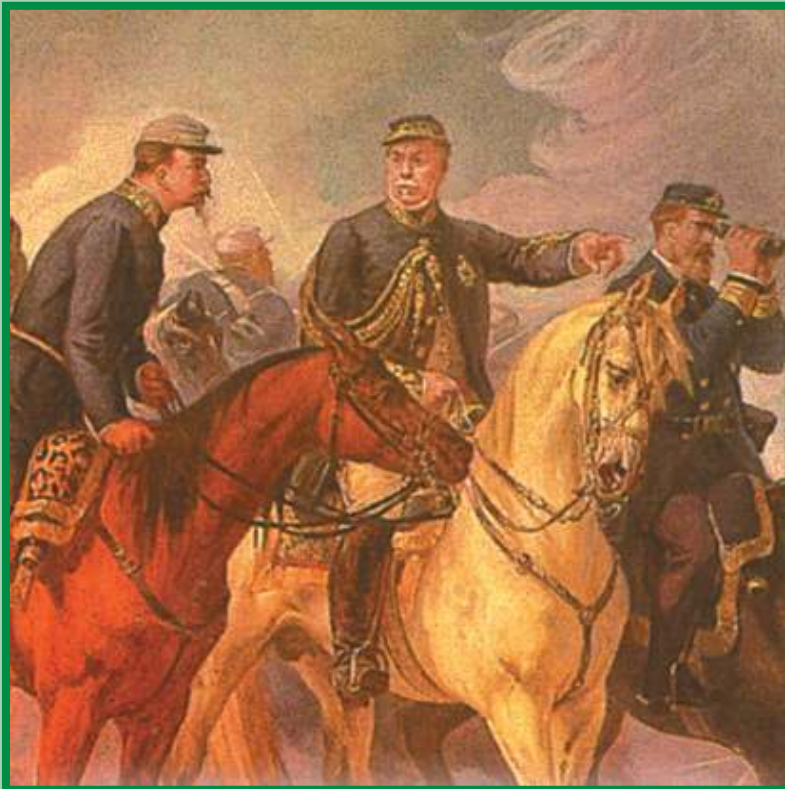
Caxias pacificou as revoltas internas que ameaçaram a paz do País após a independência, com enorme sentimento de brasilidade, tendo sido sua atuação

essencial para evitar a fragmentação do território nacional. Contra a ameaça externa impôs a paz pela vitória das armas aos ditadores platinos (**Solano Lopes** do Paraguai, **Oribe** do Uruguai e **Rosas** da Argentina). **Caxias** venceu, sobretudo, por convencer, pois a verdadeira vitória não consiste em sufocar ou subjugar o adversário, ela é antes uma tarefa de persuasão, de conquista de corações.

Também possuía visão clara da natureza humana e o dom de perceber as qualidades dos líderes que enfrentava e das populações que se propunha a pacificar. Tinha um temperamento equilibrado. Não lhe faltava coragem física, mas a usava calculadamente, no momento exato, como aconteceu em Iitororó.

Estrategicamente, **Caxias** conseguiu que as suas ações armadas fossem respaldadas pela expressão política da época. O Patrono do Exército, como Senador e Ministro de Estado, defendeu sempre o uso da força de acordo com as normas jurídicas estabelecidas pela Constituição de 1824. Esse aspecto permitiu legitimidade e legalidade no emprego da tropa. Vale destacar que, para pacificar as Províncias do Rio Grande do Sul e do Maranhão, **Caxias** concentrou em sua pessoa a autoridade militar e a autoridade política. Ele foi Comandante das Armas e Presidente, simultaneamente, daquelas Províncias.

Era, ao mesmo tempo, um homem do Exército e um homem de Estado. Sua ação militar e política foi no sentido de compreender a grave responsabilidade de manter a independência e a integridade nacional com as armas, mas também com a persuasão. Daí sua importância para a manutenção da integridade nacional e a consolidação da identidade do Exército Brasileiro.



A visão estratégica que se abstrai dos feitos desse grande chefe militar serve para os dias atuais e, também, para o futuro.

A AÇÃO ESTRATÉGICA DE CAXIAS

Caxias realizou ações estratégicas com a finalidade de estabelecer um caminho para atingir os seus objetivos, os quais eram calcados na política governamental da época. Com esse propósito, atuou de forma ímpar tanto nas diversas campanhas militares de que participou como na ação política, adotando medidas – de natureza e de intensidade variáveis – voltadas para o preparo e a aplicação do poder. Além disso, a sua postura diante dos adversários nas campanhas internas contribuiu para a preservação da unidade nacional, pois ele sempre lembrava aos oponentes que todos eram brasileiros e que, por isso, deveriam evitar o derramamento de sangue.

Os destaques de seus feitos estratégicos são a monumental obra de pacificar quatro lutas internas e as vitórias obtidas com as manobras de flanco de Humaitá e Piquiciri durante a Guerra da Tríplice Aliança. Esses registros históricos bastam para credenciá-lo a figurar na galeria dos maiores capitães da História Militar Terrestre Mundial.

As estratégias utilizadas por **Caxias** serviram para a reavaliação do emprego da Força Terrestre Brasileira, o que foi de fundamental importância para a identidade do Exército. A preocupação com o minucioso preparo de sua tropa nas diversas campanhas de que participou, bem como com o estudo das possibilidades do



inimigo, fez crescer a importância da estratégia no campo de batalha.

Caxias, da forma como atuou, pôde impor grande desgaste às forças oponentes. Essa postura teve o objetivo de obter, na opinião pública do adversário, forte pressão no sentido de suspender as ações armadas. Soube, ainda, utilizar os meios de que dispunha, dando-lhes uma orientação apropriada a seu melhor rendimento. Além disso, ele trabalhou para dotar o Exército de uma doutrina militar genuinamente brasileira que respaldasse o Brasil como grande nação. Assim, valorizou a surpresa, a audácia, a rapidez de movimentos, as manobras flexíveis e as estruturas mais leves.

No Maranhão, ao receber do governo central a missão de pacificar a região, utilizou a estratégia da pressão indireta. A utilização desse modelo deveu-se ao fato de o Exército Brasileiro não possuir efetivos e meios suficientes, na área, para constituir uma força decisiva. Assim sendo, **Luís Alves de Lima e Silva** procurou buscar a decisão por intermédio do emprego de ações políticas, diplomáticas e psicológicas, apoiadas por ações militares.

Em São Paulo e em Minas Gerais, nas rebeliões irrompidas em Sorocaba e em Barbacena, articuladas pelo Partido Liberal naqueles dois estados, mais ainda se fez sentir a ação do soldado e do condutor de homens. A viagem, a ocupação de São Paulo, a marcha até Ouro Preto e, sobretudo, o combate de Santa Luzia, não podiam prescindir da atuação direta e imediata de um verdadeiro chefe militar que, de maneira brilhante, soube empregar a estratégia da aproximação indireta e a estratégia direta.

No Rio Grande do Sul, agiganta-se o cenário. A situação exige, ao mesmo tempo, um conjunto raro de condições em um mesmo homem, tais como a orientação segura do administrador, a elasticidade do político e a energia do soldado. O seu planejamento estratégico baseou-se em ações sucessivas com as quais buscou combinar, de maneira sutil, as ações políticas e militares tendo por base a manobra de interior; o cuidado com os problemas do povo e com a restauração da confiança da tropa. O planejamento, baseado no conflito prolongado com fraca intensidade militar, teve o objetivo de minar a vontade de lutar do oponente, pois **Caxias** tinha a necessidade de preservar os poucos meios militares disponíveis.

O ano de 1845 apresenta, assim, um general com-



pleto, com todas as suas qualidades militares cristalizadas. Esse general pôde, ao regressar da áspera campanha gaúcha, garantir a Pátria de novo fortalecida na sua unidade e generosamente salva das dissensões e secessões a que fora arrastada – o Brasil novamente unido, o Brasil integral.

A manobra de flanco do Piquiciri foi ímpar na História Militar universal. De concepção audaciosa, aliou rapidez e surpresa na execução e culminou com o cerco de todo o Exército adversário na nossa frente secundária de fixação. Vale lembrar que a manobra foi um exemplo de risco calculado, no qual **Caxias** sacrificou o princípio de guerra da Segurança em prol de outro, o da Surpresa, que ele obteve em âmbito estratégico.

Caxias demonstrou que o comandante deve ter capacidade de conciliar mudanças e continuidade, ou seja, deve proporcionar equilíbrio em todo o processo, realizando trabalho contínuo.

Ao Duque de **Caxias** o Brasil deve sua integridade territorial. Pela dimensão de sua vida, pela preciosidade de seu exemplo, pela grandeza de suas lições, **Caxias** é um gênio inspirador que paira sobre toda a Pátria, extrapolando os contornos da Instituição de que é símbolo maior – o Exército Brasileiro. —



Verde Oliva FM

Música de qualidade
Informações precisas
Utilidade pública e variedades

www.verdeolivafm.exercito.gov.br
FALE CONOSCO!
verdeolivafm@exercito.gov.br - 3415-4952 ou 3322-4326



Exército Brasileiro - Braço Forte, Mão Amiga - Microsoft Internet Explorer

Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda

Endereço: <http://www.exercito.gov.br/>

GO Bookmarks 51 blocked Check AutoLink AutoFill Send to Settings

EXÉRCITO BRASILEIRO

Instituição Ingresso no Exército Braço Forte Mão Amiga Notícias Organizações Militares Serviços

Sexta, 06 de outubro 2006 Mapa do Site Fale Conosco

Rádio Verde-Oliva
Sala de Imprensa
Vídeo Dia do Soldado
Informativos & Esclarecimentos
Revista Verde-Oliva
Noticiário do Exército
Videorevista do Exército
A Missão e a Visão do Futuro do Exército Brasileiro.

ÚLTIMAS NOTÍCIAS
NOKOI • Formatura do GETRAM/2006 e do CATRAM/2006.
NOKOI • Informex Nr 022, de 04 de outubro de 2006 - Acidente aéreo.
NOKOI • Diretoria de Assistência ao Pessoal (DAP) informa sobre recadastramento dos beneficiários do FUSEX.
NOKOI • Reportagem sobre o Instituto de Biologia do Exército (IBEX), veiculada no dia 04 de outubro pela Rede Globo de Televisão, no programa Bom Dia Brasil.
NOKOI • Ouça a entrevista do Jornalista Lincoln Macário à Rádio CBN - Acidente do Vão 1907.
NOKOI • III Simpósio Nacional de Programa Excelência Gerencial (III SINPEG), a ser realizado no período de 23 a 25 de outubro de 2006, em Brasília/DF. Inscrições e informações no www.portalpeg.eb.mil.br.

Operações de Manutenção da Paz
NACIONES UNIDAS

Concursos **RESERVA** **RECRUTINHA** **PEG-EP** **FHE** **MUNDIAL MILITAR DE EQUITACÃO**

Vídeos Operações e Exercícios Papel de Parede Banco de Imagens Biblioteca do Exército **BIBLIEX On-line**

Iniciar Adobe Photoshop CoreDRAW 12 - [D:]... Adobe PageMaker 7... Exército Brasileiro - B... 10:16

www.exercito.gov.br

INSTRUÇÃO INDIVIDUAL DE QUALIFICAÇÃO

Decorridas 17 semanas de intensas atividades militares, das quais 14 dedicadas inteiramente à Instrução Militar, o contingente incorporado em 1º de março de 2006 concluiu a Instrução Individual Básica (IIB). Dessa forma, o soldado está ambientado e habilitado para prosseguir com sua formação militar, em busca de níveis mais elevados de conhecimento e de operacionalidade.

Buscou-se, nessa fase inicial, além de preparar o reservista de 2ª categoria, capacitar os soldados a serem empregados em operações de Garantia da Lei e da Ordem (GLO). Para tanto, além da instrução teórico-prática ministrada nos quartelamentos, realizaram-se, nos Comandos Militares de Área, exercícios de adestramento que simularam as condições às quais os militares serão submetidos quando atuarem em operações dessa natureza, seja em ambiente urbano, seja em área rural.

A IIQ

Uma vez iniciado o desenvolvimento e a consolidação do valor moral da tropa e estabelecidos vínculos de liderança entre comandantes (de todos os níveis) e comandados, os soldados incorporados no corrente ano iniciaram uma nova fase de instrução.

Ao término dessa segunda etapa, denominada Instrução Individual de Qualificação (IIQ) e desenvolvida ao longo de oito semanas, os soldados são considerados reservistas de primeira categoria (combatentes mobilizáveis), capacitados a serem empregados em ações de Defesa Externa.

A IIQ contempla dois blocos de instrução, simultâneos em sua execução e distintos em seu conteúdo, porém convergentes em seus objetivos: a instrução comum e a instrução peculiar.

O bloco da instrução comum compreende conjunto de matérias, ministradas de forma seqüencial e progressiva, correspondentes às áreas de conhecimento e habilidades necessárias à qualificação do cabo e do soldado de qualquer Qualificação Militar Geral (QMG): Infantaria, Cavalaria, Artilharia, Engenharia, Comunicações, Intendência, Material Bélico e Saúde.

Esse primeiro bloco é regulado pelo Programa Padrão PPQ/1 – Qualificação do Cabo e do Soldado – Instrução Comum. Nesse documento regulador e normativo da instrução militar, encontram-se definidos



os Objetivos de Instrução Individuais (OII) a serem alcançados pelos soldados nas seguintes matérias: Armamento, Munição e Tiro; Camuflagem; Lutas; Marchas e Estacionamentos; Ordem Unida; Técnicas Especiais; Treinamento Físico Militar; e Valores, Deveres e Ética Militares.

Por sua vez, o bloco da instrução peculiar objetiva habilitar o cabo e o soldado à ocupação dos diferentes cargos previstos para uma determinada arma, quadro ou serviço – denominados Qualificação Militar Peculiar (QMP). Nesse contexto, com base nos Programas Padrão (PP) de Qualificação elaborados pelo Comando de Operações Terrestres (COTER) para cada QM, são formados os atiradores, municionadores e remunicionadores das diversas armas coletivas – metralhadoras, morteiros, canhões e obuseiros –; os operadores de rádio e construtores de linhas de comunicações; os sapadores mineiros; os manipuladores de ex-

plosivos; e o pessoal de manutenção de armamento e de viaturas, entre outras funções específicas.

Essa habilitação de pessoal para cargos exercidos no âmbito de uma fração elementar – guarnição, equipe ou grupo – exige treinamento que se reveste de características especiais, de forma a atender aos seguintes pressupostos:



- tornar o militar capaz de executar, individualmente, as atividades diretamente relacionadas à sua função dentro da fração a que pertence;

- tornar o militar capaz de integrar uma fração elementar, capacitando-o a realizar as suas atividades funcionais em conjunto com os demais integrantes; e

- possibilitar ao militar condições de substituir, temporariamente, quaisquer componentes da guarnição, equipe ou grupo.

A fase da IIQ se encerra com um exercício de, no mínimo, cinco jornadas, denominado Estágio de Qualificação do Combatente. Nessa oportunidade, as instruções são conduzidas em regime de operações continuadas – atividades diur-

nas e noturnas – com repouso reduzido, de três a quatro horas por jornada. Um dos objetivos desse treinamento é verificar a resistência e a consequente capacidade de “durar na ação” do militar.

As Grandes Unidades e Unidades que integram as Forças de Ação Rápida (FAR) e as OM de emprego peculiar realizam, durante a IIQ, estágio orientado para a atividade que caracteriza a especificidade de seu emprego. Entre outros, são desencadeados o Estágio Básico do Combatente de FAR (EBCFAR); o Estágio Básico Pára-quedista; o Estágio Básico do Combatente de Montanha (EBCM); e o Estágio Básico do Combatente de Selva (EBCS).

A IIQ tem por princípio orientador a “instrução voltada para o desempenho”, que busca o caráter eminentemente prático das atividades desenvolvidas nessa fase. Os soldados e os agrupamentos são preparados, pois, para o desempenho de tarefas.

A CAPACITAÇÃO TÉCNICA E TÁTICA DO EFETIVO PROFISSIONAL (CTTEP)

A CTTEP é um programa de instrução conduzido pelas OM e sob a direção de seus Comandantes. Tem por objetivo o desempenho eficaz dos diferentes agrupamentos quanto ao emprego técnico do material orgânico da Unidade e aos procedimentos táticos em combate, bem como a manutenção dos padrões de desempenho individuais.

A IIQ deve estar vinculada à CTTEP de maneira a permitir ao soldado recrutar obter seus conhecimentos dentro de sua própria fração elementar. Dessa forma, ele é instruído e orientado pelo Comandante da fração, por outros graduados e também pelos soldados antigos.





Para a execução desse programa, são planejadas e executadas as seguintes atividades:

- pistas individuais e coletivas de reação e (ou) combate, de orientação, de tiro, de liderança, de blindados, de patrulha, de combate urbano, de GLO;
- estágios de operações especiais, de combate básico, de combate de frações elementares;
- exercícios táticos de simulação de combate, de GLO, de logística, de emprego das frações elementares;
- instrução dos subsistemas inteligência de combate, logística, defesa antiaérea, comando e controle, observação e direção de tiro, coordenação e apoio de fogo, defesa anticarro; e
- instrução com simuladores de armas.

A CTTEP não se limita somente à fase da IIQ. Inicia-se junto com a IIB para o efetivo profissional – oficiais, subtenentes e sargentos, cabos e soldados antigos –, tem sua seqüência na IIQ com a participação do efetivo de recrutas e estende-se por todo o período de adestramento, permeando, desta forma, todo o ano de instrução. Essa sistemática permite à Força Terrestre manter os efetivos permanentemente adestrados e aptos ao emprego imediato em determinadas operações.

O CURSO DE FORMAÇÃO DE CABOS (CFC)

O CFC é conduzido durante a IIQ e sua execução é regulada pelo Comando de Operações Terrestres em documentos próprios. Conta com a participação dos conscritos apresentados na OM para o Serviço Militar Inicial e de outros soldados antigos que, a critério de seus comandantes, reúnam as condições necessárias para frequentar o Curso. Sua finalidade é formar cabos para o preenchimento dos claros existentes nas Unidades.

Os instrumentos normativos e reguladores básicos do CFC são os programas-padrão da série QUEBEC – específicos para os cabos e soldados de cada qualificação militar. A instrução dos candidatos à graduação de Cabo deve apresentar grau de exigência diferenciado, já que os cargos que desempenharão após o Curso impõem níveis de conhecimento, de capacitação profissional e de liderança mais elevados.

Entre outros parâmetros estabelecidos para a seleção dos futuros alunos do CFC, devem ser levados em conta o nível intelectual, a capacidade física, o

caráter militar, a responsabilidade e a liderança.

Para a condução do Curso, a Direção de Instrução da Unidade deve mobiliar uma estrutura específica em pessoal – instrutores e pessoal de administração – e material, de forma a não permitir interrupções na formação dos futuros cabos.

A INSTRUÇÃO INDIVIDUAL DE REQUALIFICAÇÃO E NIVELAMENTO (IIRN)

A formação do combatente da Força Terrestre inclui, também, a Instrução Individual de Requalificação e Nivelamento – a IIRN.

Baseada em um programa específico, a instrução é levada a efeito simultaneamente com a fase da IIB. Seu público-alvo, porém, é constituído por cabos e soldados antigos, integrantes do núcleo-base (NB) das Unidades possuidoras de grandes efetivos desse agrupamento.

Dada essa grande quantidade de cargos destinados ao NB, essas OM, por vezes, recebem cabos e soldados formados em outras Unidades ou necessitam realizar remanejamentos internos de forma a melhor adequar os efetivos de suas subunidades. Quando os Cabos e Soldados movimentados não se encontram qualificados para o desempenho dos cargos a que foram destinados na nova OM, ou quando apresentam nível de conhecimentos e de habilidades diferenciado dos demais integrantes, é executada a IIRN, que utiliza como instrumentos orientadores

e normativos os PP das séries BRAVO (reguladores da IIB) e QUEBEC (reguladores da IIQ).

CONCLUSÃO

Atendendo ao princípio da progressividade, a formação militar do efetivo incorporado tem início com a execução do programa da IIB, e prossegue com a realização das atividades programadas para a IIQ.

O soldado recruta, que concluiu sua preparação básica e está habilitado a atuar em determinadas Operações de Garantia da Lei e da Ordem, passa a ter sua formação orientada para seu emprego pleno, de modo a torná-lo apto a atuar em operações relacionadas à defesa externa.

Nessa oportunidade, os meios multiplicadores do poder de combate da Força Terrestre – sistemas de armas, equipamentos de comunicações, meios de transporte, suporte logístico – são colocados à disposição dos soldados para que se adestrem e se especializem.

Ao longo de oito intensas semanas de atividade, permeadas de instruções teórico-práticas e, principalmente, de jornadas em campanha, os instruendos uniformizam procedimentos e adquirem habilidades, reflexos e conhecimentos indispensáveis ao desenvolvimento da operacionalidade das frações elementares. Dessa forma, habilitam-se para, em seqüência, serem participantes e executores dos Adestramentos Básico e Avançado das Unidades, Grandes Unidades e Grandes Comandos enquadrantes. ➡



Um mundo de oportunidades



A Força Terrestre, para o cumprimento de suas atribuições, precisa contar com profissionais de diferentes áreas de formação.

O “mundo de oportunidades” que se quer apresentar é aquele oferecido para os profissionais das diversas áreas de formação que o Exército Brasileiro absorve, e para os quais oferece treinamento e prática.

PROJETO SOLDADO CIDADÃO

O “Projeto Soldado Cidadão” tem por objetivo a qualificação de cidadãos que prestam o Serviço Militar Inicial por meio de cursos profissionalizantes em instituições de ensino de nível técnico. Convênios celebrados com o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) e com o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), por exemplo, oferecem oportunidades nas áreas de telecomunicações, alimentação, construção civil, artes gráficas, confecção, eletricidade, mecânica, refrigeração e informática. Ao término do curso, o “Programa Nacional de Estímulo ao Primeiro Emprego” (PNPE) é o vetor utilizado para a inclusão do novo profissional no mercado de trabalho.

A conclusão do curso de qualificação permite que o jovem se enquadre nos critérios do PNPE e seja cadastrado para concorrer, em melhores condições, às vagas disponibilizadas pelas empresas que atuam nos setores considerados.

RESULTADOS ALCANÇADOS

ANO	EFETIVO	MUNICÍPIOS
2003	4.950	28
2004	6.425	110
2005	57.000	135

SERVIÇO MILITAR TEMPORÁRIO

O Exército Brasileiro oferece, também, variadas oportunidades para que os profissionais de ambos os sexos e das mais diversas áreas do conhecimento ingressem em suas fileiras, voluntariamente, por meio do Serviço Militar Temporário.

Essa ação possibilita conferir considerável ganho em experiência para incrementar, de forma significativa, o currículo de profissionais que servirão à Força Terrestre.

Importante destacar a visão ampliada do País proporcionada para os médicos, farmacêuticos, dentistas e veterinários diante das grandes necessidades regionais que se apresentam. Com certeza, serão brasileiros vocacionados e interessados na solução desses complexos problemas.

O Exército oferece oportunidades para ampliar as opções dos jovens profissionais brasileiros em face das dificuldades encontradas para o ingresso no mercado de trabalho.



DEPOIMENTOS DE OFICIAIS TÉCNICOS TEMPORÁRIOS (OTT) ADMITIDOS EM 2006

"Profissionais, de distintas áreas do conhecimento, procuram a carreira militar motivados por diversos fatores: a vocação, a oportunidade de praticar os conhecimentos acadêmicos, a perspectiva de ascensão funcional na carreira, o ganho em experiência, o acréscimo no currículo e o respeito da sociedade brasileira pela Instituição são as motivações preponderantes. No Exército aprendemos novas técnicas e praticamos o uso de variadas ferramentas o que contribui para o nosso aperfeiçoamento profissional. Além disso, aprendemos a cultivar os valores característicos da Força como a lealdade, a hierarquia e a disciplina. Os valores aqui aprendidos, com certeza, pautarão os nossos procedimentos em quaisquer situações futuras.

O serviço voluntário nos permite ter uma consciência clara de que o futuro do país depende, fundamentalmente, da capacidade das Forças Armadas em suportar as decisões do Estado e de atuar, de forma contundente, contra as ameaças à sua soberania e independência.

Além disso, o rodízio anual dos contingentes de oficiais temporários permite a interação das Forças Armadas com a sociedade do país".

Asp Erica Maciel e Asp Letícia

"Tornar-me uma OTT foi uma oportunidade que me proporcionou tanto o crescimento profissional como o pessoal". Asp Cristinne Rincon

"Ser OTT é uma oportunidade de fazer crescer o espírito e a mente, de trabalhar com seriedade e serenidade para trilhar o caminho para o sucesso". Asp Lessa

"Ser OTT me possibilita um maior crescimento pessoal e intelectual, além de novas oportunidades de aprimoramento profissional". Asp Neuza Lopes

"O Exército Brasileiro, por meio do serviço técnico, tem criado grandes oportunidades de crescimento pessoal e de aperfeiçoamento profissional". Asp Flávia Araújo

"O Exército Brasileiro está me proporcionando um incremento considerável de conhecimentos técnicos, enriquecendo meu currículo".

Ten Tatiane

"Procurar ser sempre bom em todas as



coisas, e assim acrescentar qualidade ao trabalho. Ser OTT, no Exército, nos proporciona a oportunidade de vivenciar essa máxima. A oportunidade que nos é oferecida contribuirá, sem dúvida, para o sucesso do nosso futuro profissional". Asp Fabiana Monteiro

ASSISTÊNCIA RELIGIOSA



O Serviço de Assistência Religiosa do Exército (SAREx) oferece oportunidades para sacerdotes, representantes de várias religiões, cujo perfil seja adequado à realidade pastoral da caserna.

As atividades religiosas são coordenadas de acordo com as necessidades apresentadas em todo o território nacional.

O objetivo é prestar apoio religioso e contribuir

para desenvolver a educação moral de militares, civis e respectivas famílias, tanto nas comunidades onde vivem como na tropa.

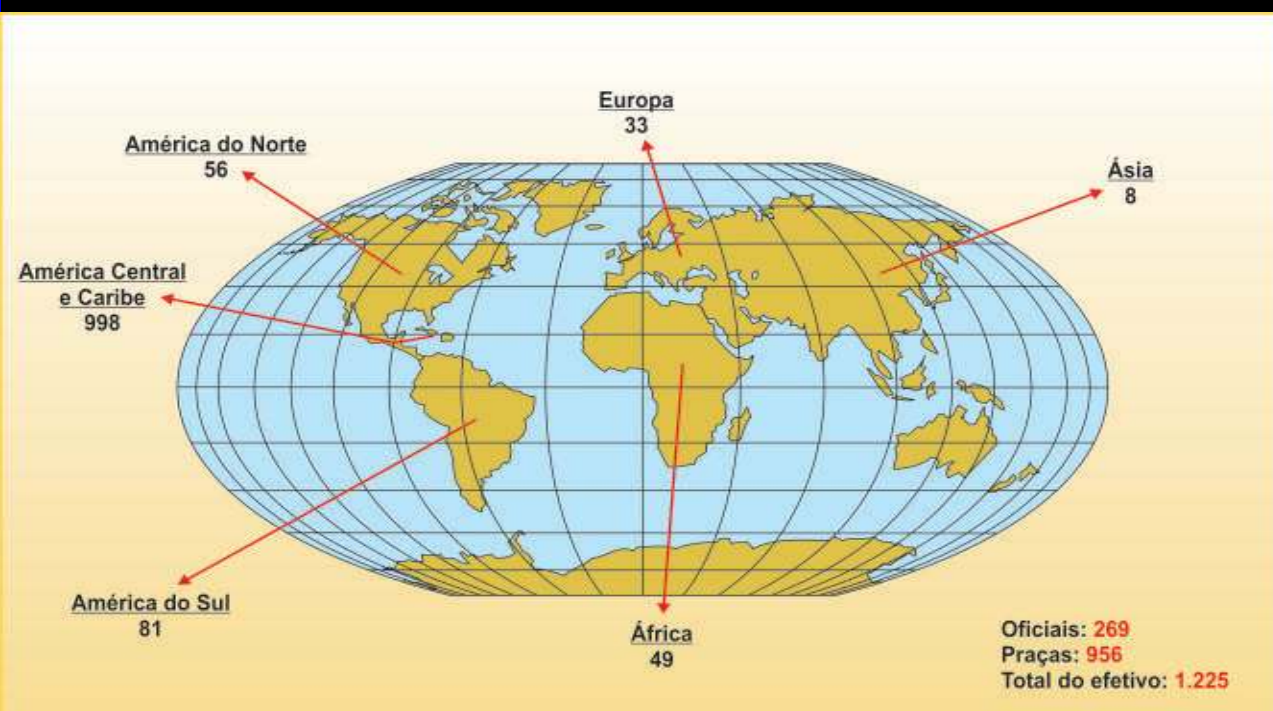
Há, por exemplo, a presença de um capelão militar junto à tropa empregada na Missão de Estabilização das Nações Unidas no Haiti (MINUSTAH).

VIVÊNCIA NACIONAL E INTERNACIONAL

A carreira militar proporciona, ainda, variadas experiências de vivência nacional. As constantes movimentações, característica marcante da Força Terrestre, permitem aos seus integrantes a possibilidade de vivenciar as mais variadas peculiaridades regionais no território nacional, desde o pampa gaúcho até a Amazônia.

Alguns militares realizam, também, diversos tipos de intercâmbios com os exércitos de nações amigas.

Dessa forma, são proporcionadas distintas oportunidades de missão no exterior, seja para atividades operacionais, seja para a realização de cursos ou mesmo para atuação em Organismos Internacionais. A situação dos militares desenvolvendo suas atividades fora do país, em fevereiro de 2006, é a retratada na ilustração abaixo. ➡



CAESC II

SIMULAÇÃO DE COMBATE

A fim de assegurar as melhores condições para a realização de exercícios de simulação de combate, o Comando de Operações Terrestres (COTER), em parceria com o Estado-Maior do Exército e os Departamentos, vem implantando os Centros de Aplicação de Exercícios de Simulação de Combate – CAESC. Essas instalações têm como objetivo fornecer aos Comandos Militares de Área e aos estabelecimentos militares de ensino a estrutura permanente necessária para a aplicação de exercícios de simulação de combate, de modo a permitir treinamento e aprimoramento constantes e racionalização dos meios disponíveis para sua realização.

De acordo com essa concepção, foi criado, no Campo de Instrução de Santa Maria (RS), o CAESC-II. Inaugurado em novembro de 2003, integra-se ao Comando da 3ª Divisão de Exército – a Divisão Encouraçada. Sua localização permite a integração do terreno com a carta, conferindo maior realismo aos planejamentos efetuados.

O COTER é o responsável pelo controle e gerenciamento militar do CAESC-II. As atividades do Centro na Guarnição de Santa Maria são coordenadas pela 3ª Divisão de Exército (3ª DE). O CAESC-II está estruturado em três áreas distintas: uma para o partido Alfa, outra para o partido Bravo e a terceira para a direção do exercício. Além disso, foram instalados cerca de 40

microcomputadores interligados a um servidor que gerencia as ações ofensivas e fornece respostas variáveis para a defesa.

A estrutura do Centro permite que sejam utilizados os sistemas GUARINI e SISTAB para simulações no nível Grande Unidade e o sistema SABRE para o nível Unidade.

Apesar de recente, o Centro já foi palco de vários exercícios de simulação com excelentes resultados. Destacam-se, entre outros, aqueles que encerraram as atividades de instrução de 2004 e 2005.

Em 2004, parcela significativa da Operação Rio Negro ocorreu no CAESC-II. Naquela ocasião, o Comando da 3ª DE atuou como diretor do exercício e os partidos oponentes foram representados pelos Comandos da 6ª DE (partido azul) e da 6ª Brigada de Infantaria Blindada (partido vermelho).

Em 2005, foi realizada a operação Pampa, na qual o partido vermelho foi representado pela 3ª DE acrescida da 15ª Brigada de Infantaria Motorizada e diminuída da 1ª Brigada de Cavalaria Mecanizada, que representou o partido azul.

Nos dois exercícios foram concentrados grandes efetivos dentro do Campo de Instrução de Santa Maria, que possui área suficiente para o desdobramento dos Grandes Comandos, Grandes Unidades e Unidades que participam dos exercícios a cargo do CAESC-II. ➡



238 anos de trabalho e de amor ao próximo

Vista do Hospital Real Militar de Ultramar no Morro do Castelo – Século XVIII



Nos idos de 1768, data de 22 de janeiro, no Morro do Castelo, centro da cidade do Rio de Janeiro, por ordem de D. **Antônio Rolim Moura Tavares**, o Conde de **Azambuja**, foi criado o Hospital Real Militar de Ultramar – embrião do Hospital Central do Exército (HCE) – que ocupou as instalações que abrigaram o Colégio dos Jesuítas da Companhia de Jesus. Unidade de vocação assistencial, desde aquela época prestava socorro médico aos soldados e marinheiros doentes.

Em 1808, após a chegada da Família Real Portuguesa ao Brasil por meio da Ordem Régia de 9 de fevereiro do mesmo ano, D. João, Príncipe Regente do Império Lusitano, nomeia primeiro Cirurgião-mor dos Exércitos e Armada Reais o Frei **Custódio de Campos e Oliveira**. Este cria, nas instalações do hospital, a Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica, a qual receberia, em 1832, o nome de Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.



Vista da antiga Enfermaria

Surge, nessa época, a sua outra vocação – a educacional, pois serviu de abrigo do ensino médico e farmacêutico com a criação da Botica Real Militar em suas instalações.

Recebeu diferentes denominações ao longo do tempo: Hospital Real Militar de Ultramar, Hospital Regimento do Campo, Hospital Militar da Guarnição da Corte e, em 7 de abril de 1890, por determinação do Marechal **Manoel Deodoro da Fonseca**, passou a chamar-se “Hospital Central do Exército”.

Pelos corredores dessa insigne instituição militar de saúde passaram renomados doutores da Ciência Médica Brasileira, como **Cândido Borges de Medeiros**, **Augusto Cândido de Bustamante Sá**, **Roberto Haddock Lobo** e **Manuel Feliciano de Carvalho**, artífices de momentos ímpares dos anais médicos no Brasil.

Vista do antigo Gabinete do Diretor



Em suas dependências ocorreram aulas, reuniões, conferências, solenidades cívicas, congressos e atos cirúrgicos que demonstravam a excelência do atendimento ali prestado, com destaque para o sucesso das seguintes realizações:

- em 1847, a primeira anestesia por éter no Brasil, pelo Dr. **Haddock Lobo**;
- em 1848, a primeira anestesia por clorofórmio no Brasil, pelo Dr. **Feliciano de Carvalho**; e
- em 1868, a sexta cirurgia no mundo de ligadura de aneurisma traumático de artéria ilíaca, pelo Dr. **Bustamante Sá**.



Fachada atual do HCE

Atualmente, com suas instalações no bairro carioca de Benfica, o HCE é a maior unidade do Serviço de Saúde do Exército, o elo final da cadeia de evacuação. A Organização Militar de Saúde (OMS) recebe, de todos os pontos do território nacional, pacientes com as mais variadas enfermidades, os quais são atendidos por um efetivo de, aproximadamente, 600 profissionais, entre militares e civis, distribuídos em 57 especialidades distintas.

Atualmente, o HCE conta com um número aproximado de 400 leitos ativos e presta assistência médico-hospitalar a militares da ativa, da reserva, pensionistas, funcionários civis e seus dependentes. Para tal, dispõe de equipamentos de última geração – como modernos aparelhos de Raios X, de tomografia computadorizada e de ressonância magnética – além de sofisticado laboratório de análises clínicas e bem equipadas unidades de terapia intensiva (UTI) adulta e neonatal.

Ao completar 238 anos de existência, o HCE reafirma o compromisso de atender enfermos militares e civis com dedicação, respeito e qualidade, como continuador da tradição do Hospital Real Militar de Ultramar. —



Quarto individual



Tomografia computadorizada



Ressonância magnética

Setor de Emergência



UTI adulto



UTI neonatal



BRASIL-CHILE

INTERCÂMBIO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

*Recepção da comitiva brasileira
pelo Comandante-em-Chefe do
Exército do Chile,
General Oscar Izurieta Ferrer*



O Exército Brasileiro realizou intercâmbio de Comunicação Social com o Exército Chileno, em Santiago do Chile, no período de 07 a 11 de agosto de 2006. A comitiva brasileira, composta pelos Coronéis **Claudinei Roncolato** e **Álvaro Magalhães Porto**, ambos do Centro de Comunicação Social do Exército, visitou o Departamento de Comunicação do Exército do Chile (DCE).

O DCE, à semelhança do seu congênere brasileiro, “assessora de forma direta e permanente o Comandante-em-Chefe em tudo o que se relaciona à

concepção, elaboração e difusão de diretrizes de Comunicação Social, planos de ação permanentes e conjunturais, condução das Comunicações Externas e Internas e ações de Relações Públicas do Exército.”

Além do DCE, foram visitadas a Academia de Guerra, a Academia Politécnica Militar, a Escola Militar, a Escola de Suboficiais e a Escola de Cavalaria Blindada. Cada uma dessas Organizações Militares conta com um *periodista*, jornalista civil contratado pelo Exército – a atividade de Comunicação Social é exercida de forma descentralizada, segundo os diversos níveis de responsabilidade. —



*Exposição da “periodista” María
Ignacia Guzmán, da Seção de
Avaliação do DCE, sobre missões de paz
(a jornalista integrou, durante seis meses,
o Contingente Chileno da Missão das
Nações Unidas para a Estabilização no
Haiti - MINUSTAH)*

DAR CONTA DO DIA-A-DIA?
ESTA MÁGICA VOCÊ FAZ COM A CAIXA



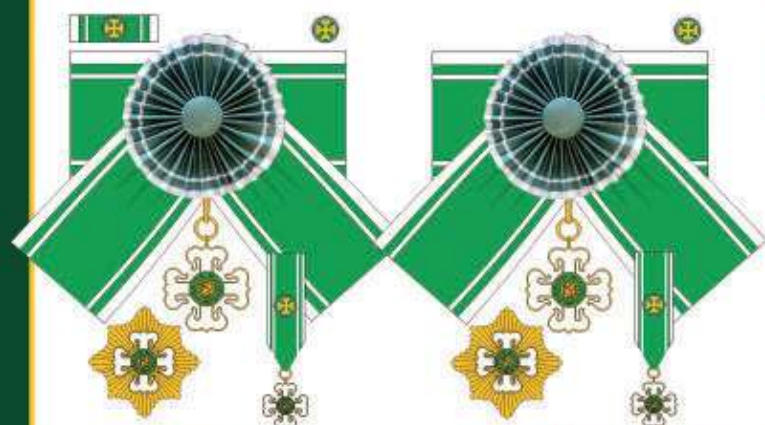
Conta Corrente da CAIXA.
Cheque Especial, Cartão de Crédito,
Crédito Pré-aprovado. Aqui tudo é mais fácil
para o seu dia-a-dia também ser. Boas compras.
CRÉDITOS DA CAIXA. UMA CAIXA DE SOLUÇÕES.

CAIXA
www.caixa.gov.br

Medalhística do Exército

ORDEM DO MÉRITO MILITAR

GRÃ-CRUZ



MILITAR

CIVIL MASCULINO



CIVIL FEMININO

INSÍGNIA DE BANDEIRA



GRANDE-OFICIAL



MILITAR

CIVIL MASCULINO

CIVIL FEMININO

COMENDADOR



MILITAR

CIVIL MASCULINO

CIVIL FEMININO

OFICIAL



MILITAR

MILITAR FEM

CIVIL MASC

CIVIL FEM

CAVALEIRO



MILITAR

MILITAR FEM

CIVIL MASC

CIVIL FEM

Brasileiro em tempo de paz

MEDALHA MILITAR - TEMPO DE SERVIÇO

BRONZE
10 ANOS DE SERVIÇO



PRATA
20 ANOS DE SERVIÇO



OURO
30 ANOS DE SERVIÇO



OURO C/ PASSADOR DE PLATINA
40 ANOS DE SERVIÇO



PLATINA C/ PASSADOR DE PLATINA
50 ANOS DE SERVIÇO



MEDALHA CORPO DE TROPA

BRONZE
10 ANOS DE TROPA



PRATA
15 ANOS DE TROPA



OURO
20 ANOS DE TROPA



PASSADOR DE BRONZE
2 ANOS



PASSADOR DE PRATA
5 ANOS



PASSADOR DE OURO
10 ANOS



MEDALHA DO PACIFICADOR

MASCULINA



FEMININA



COM PALMA - MASCULINA



COM PALMA - FEMININA



INSÍGNEA DE BANDEIRA



ORDEM DE COLOCAÇÃO DESTAS MEDALHAS





★ ★ ★
Para a Agrale, o serviço
militar não é obrigatório.
É uma honra.



O Agrale Marruá é o mais novo integrante do Exército brasileiro. E é com grande honra e satisfação que a gente recebe esse mérito. Agora o País conta com a tecnologia e a força da Agrale a serviço das Forças Armadas. Uma empresa 100% nacional que está junto com você na defesa do Brasil.

www.agralemarrua.com.br



Projeto Pesquisa



O Centro de Comunicação Social do Exército (CCOMSEx) emprega, desde 2004, um novo mecanismo, denominado “Projeto Pesquisa”, para realização de pesquisas junto ao público interno. Para isso, utiliza-se do Portal do Exército na rede mundial de computadores – Internet.

O projeto tem como objetivos:

- viabilizar, a baixo custo financeiro, a primeira fase (pesquisa) do processo de planejamento de Comunicação Social (Com Soc);
- proporcionar subsídios à Chefia do CCOMSEx para o assessoramento ao Comando do Exército nos assuntos referentes à Comunicação Social de interesse da Força e detectar aspirações, motivações e insatisfações do público interno; e
- permitir ao CCOMSEx apresentar respostas e informações adequadas e oportunas aos questionamentos dos públicos interno e externo quanto à Instituição.

Os dados coletados permitem a elaboração de campanhas e produtos, bem como a avaliação dos atuais veículos de Comunicação Social utilizados pelo CCOMSEx.

CONCEPÇÃO DO PROJETO

As pesquisas são realizadas pela remessa eletrônica de questionários, em Word, Excel ou Access, respondidos voluntariamente por efetivo reduzido de cada Organização Militar (OM) do Exército. Os militares inativos também têm acesso às pesquisas por intermédio da página eletrônica denominada “Conversando com a Reserva” (www.reserva.exercito.gov.br).

PESQUISAS REALIZADAS

A seguir, são destacadas as principais pesquisas realizadas até o mês de setembro de 2006.

Produtos do CCOMSEx

Pesquisa aplicada em todo o território nacional que versou sobre os veículos de Comunicação Social utilizados pelo Centro. A amostra aleatória apresentou a opinião de 558 oficiais, 570

subtenentes e sargentos, 691 cabos e soldados, totalizando 1.819 entrevistados distribuídos pelos Comandos Militares de Área. A finalidade da pesquisa foi permitir que o CCOMSEx obtivesse uma visão sobre o alcance de seus diversos produtos junto ao público interno.

Motivação de subtenentes e sargentos

Pesquisa quantitativa que enfocou a motivação de subtenentes e sargentos (ST/Sgt). Colheu a opinião de 3.729 oficiais do Quadro Auxiliar de Oficiais (QAO), militares que são oriundos das Escolas de Formação de Sargentos, e de ST/Sgt. Permitiu atualizar o perfil desse universo e detectar aspirações, motivações, interesses e insatisfações ligadas ao Exército e à carreira.

Moradia

Essa pesquisa quantitativa sobre moradia de oficiais e praças foi respondida por 3.729 oficiais QAO e ST/Sgt e por mais 4.986 oficiais e praças. Gerenciada pelo Departamento de Engenharia e Construção (DEC)/Diretoria de Obras Militares (DOM), teve por objetivo avaliar a possibilidade da criação de condições para a aquisição da casa própria por nossos militares.

Perfil do candidato ao Quadro Complementar de Oficiais

Pesquisa quantitativa que buscou compor o perfil dos candidatos ao concurso para ingresso no Quadro Complementar de Oficiais (QCO). O questionário foi aplicado no ano de 2005, por ocasião do concurso à Escola de Administração do Exército, em todas as guarnições onde foram realizadas as provas do exame intelectual.

Conversando com a Reserva

Pesquisa quantitativa realizada com o objetivo de levantar o perfil dos militares da

reserva que acessam a página eletrônica do Projeto Conversando com a Reserva. Colheu a opinião voluntária e aleatória de 793 usuários de todas as Regiões Militares (RM), fato que lhe conferiu representatividade nacional.

RESULTADOS DA CONSOLIDAÇÃO DAS PESQUISAS

Os resultados mais significativos obtidos da análise das pesquisas são apresentados a seguir.

Dos produtos do CCOMSEX, o Informex alcançou índice de 94% de penetração, firmando-se como o veículo de maior circulação entre os militares. O resultado confirma que o instrumento é de fundamental importância na difusão da palavra oficial da Força. Já a Rádio **Verde-Oliva** é desconhecida de nosso público interno – 83% dos militares nunca sintonizaram nossa emissora. Como resultado de tal constatação, o CCOMSEX iniciou, a partir de 19 de abril de 2006, a disponibilização do sinal da Rádio **Verde-Oliva** para todas as OM por meio da Internet.

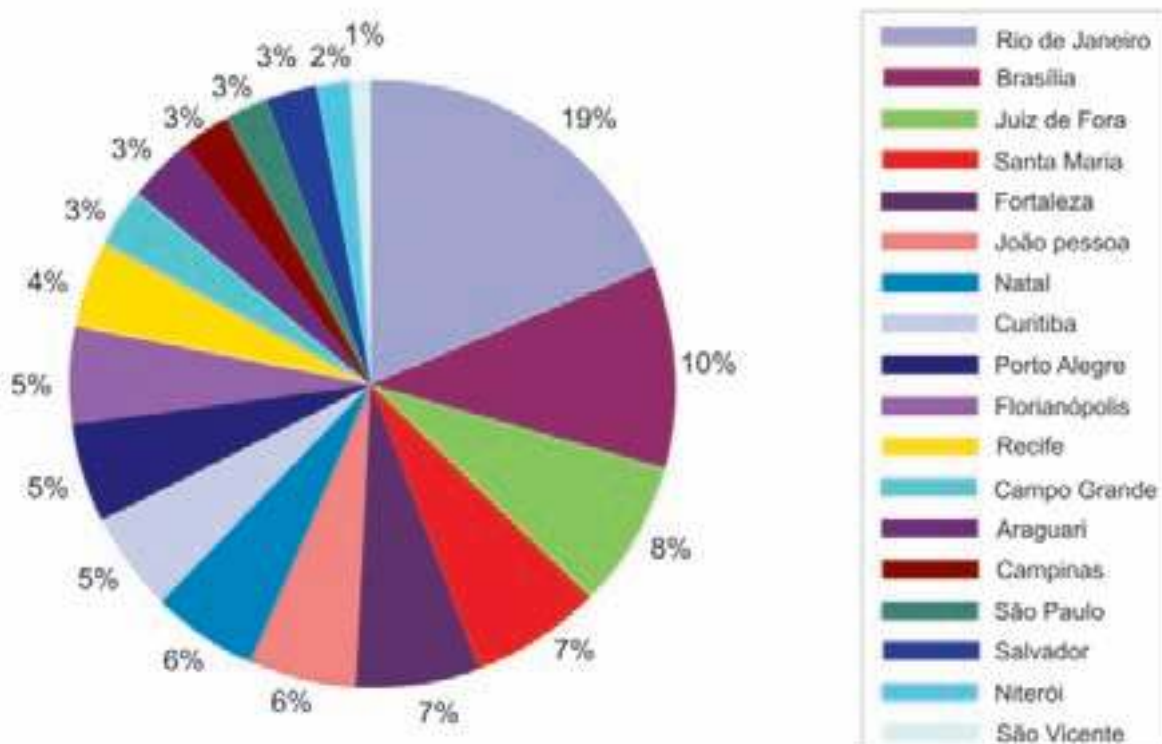
Dos resultados da pesquisa sobre o perfil dos oficiais do QAO e ST/Sgt, e da pesquisa sobre moradia, verifica-se que 50% tem de dois a três dependentes; que $\frac{2}{3}$ desses militares não residem em Próprio

Nacional Residencial (PNR); que 56% não possuem casa própria; e que a Guarnição preferencial para a aquisição de imóvel é a cidade do Rio de Janeiro, que teve mais de 19% das citações (Gráfico-Cidade Preferencial). Os indicadores citados estão servindo para orientar os estudos do DEC sobre a construção de PNR e servem de alerta para que os integrantes do Efetivo Profissional, principalmente oficiais, subtenentes e sargentos de carreira, tenham em mente a necessidade de adquirirem um imóvel durante o tempo do serviço ativo para evitar dissabores no momento da passagem para a reserva.

CONCLUSÃO

Atualmente, encontram-se cadastradas no Portal do Exército (EBNET) 290 endereços eletrônicos de OM. Já o RECODOM conta com 389 endereços eletrônicos registrados. Portanto, a realização de pesquisas com o uso da Internet permite presumir relativa facilidade de alcançar amostra probabilística significativa, com razoável intervalo de segurança e pequena margem de erro. Dessa forma, o Projeto Pesquisa constitui-se em ferramenta valiosa para o assessoramento nas tomadas de decisão do CCOMSEX e de outros órgãos da Força. —

Cidade preferencial para aquisição de imóveis



EAD O ENSINO A DISTÂNCIA



*A educação a distância vai aonde o aluno está:
flagrante da chegada de provas do Curso de Gestão e
Assessoramento de Estado-Maior ao Haiti*

Um dos principais desafios da atualidade está ligado à educação. Num mundo em que o conhecimento evolui de maneira vertiginosa, a pretensão de transmitir, nas escolas de formação, todo o saber necessário para o exercício profissional parece pertencer a um passado cada vez mais distante. No século XXI, o profissional que não se atualiza, se recicla e se aperfeiçoa de forma continuada está fadado à obsolescência.

O custo do retorno freqüente do profissional aos bancos escolares, no entanto, é a interrupção de sua produtividade, agravada ainda mais se o seu local de trabalho estiver afastado dos centros de ensino. A resposta a esse impasse é o ensino a distância (EAD).

Conduzir o conhecimento e a educação a lugares distantes não é idéia recente: alguns autores sugerem as cartas dos apóstolos como o embrião dessa idéia. Sem dúvida, um grande passo na direção desse objetivo foi a invenção da imprensa por **Guttenberg**. Sistemas de correio confiáveis tornaram possível o surgimento das primeiras experiências de cursos por correspondência. Assim, nasceram os cursos de taquigrafia em Boston (1728), de contabilidade na

Suécia (1833), e de línguas em Berlim (1856). Ao longo dos séculos XIX e XX, multiplicaram-se as iniciativas do ensino a distância, ampliando seu alcance e atingindo, inclusive, a formação universitária. Nos anos 20 do Século passado, a antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas tinha um sistema de ensino por correspondência que atendia 350.000 usuários. Desde a I Conferência Internacional sobre o assunto, realizada no Canadá em 1938, mais e mais países aderiram ao EAD como instrumento de universalização da educação.



*O aluno de EAD faz seu
horário e ritmo de estudo*

AS GERAÇÕES DE ENSINO A DISTÂNCIA

À grande vantagem dessa modalidade de ensino – levar o conhecimento além dos limites físicos da escola – contrapõe-se sua principal dificuldade: a necessidade de interação professor-aluno. Na busca dessa interação, a agilidade dos serviços de correio e dos meios de transporte e, sobretudo, a evolução da tecnologia da informação influíram, decisivamente, nos destinos do EAD. Ao longo do século XX, todos os avanços nessa área foram sendo incorporados ao sistema. Ao material impresso somaram-se discos de vinil, rádio, televisão, fitas magnéticas, fax, slides, videocassete, CD, CD-ROM, DVD, telefone, Internet, chats, multimídia e teleconferência, entre outros meios, para aproximar os alunos da tutoria e estes entre si. Para isso, a linguagem e os formatos de apresentação foram adaptados a cada uma das modalidades. O quadro 1 apresenta um resumo dessa evolução.

Atualmente, mais de 80 países, nos cinco continentes, adotam a educação a distância em todos os níveis de ensino, em programas formais e não-formais, atendendo a milhões de estudantes. O Brasil não ficou alheio ao potencial do EAD para vencer os grandes espaços geográficos do nosso País e levar a educação aos mais longínquos rincões. Desde a fundação do Instituto Rádio-Monitor, em 1939, e do Instituto Universal Brasileiro, em 1941, as experiências brasileiras, governamentais e privadas, foram inúmeras. Aos cursos radiofônicos da Universidade do Ar, criada pelo SENAC em 1947, podemos acrescentar o Projeto Minerva, o Sistema Nacional de Teleeducação, a Rádio MEC, a TV Cultura, a TVE, o Telecurso 2000, e o



Centro Nacional de Educação a Distância (CEAD), entre outros.

Com a disseminação do uso do computador e da Internet e a regulamentação do EAD no Brasil, a oferta de cursos tem aumentado consideravelmente. O decreto no 5622/05 regulamentou o artigo 80 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB - Lei nº 9394/96), que trata do ensino a distância. Em 2005, o número de alunos matriculados em cursos de graduação, pós-graduação e sequenciais a distância no País cresceu 88,7% em relação ao ano anterior. Considerados todos os níveis de educação, a quantidade de pessoas que estudou a distância no ano passado em cursos oficiais e não-oficiais ultrapassa 1,2 milhão de estudantes. Com o Sistema Universidade Aberta do Brasil, esse número será ainda maior em 2007: serão oferecidos 198 cursos em 50 Universidades Federais e em 10 Centros Federais de Educação Tecnológica, num total de 90 mil vagas no ensino superior público federal.

Quadro 1: As gerações de ensino a distância

Geração	Início	Características
1ª	até 1970	Estudo por correspondência - o principal meio de comunicação era o material impresso, geralmente um guia de estudo, com tarefas ou outros exercícios enviados pelo correio.
2ª	1970	Surgem as primeiras Universidades Abertas, com <i>design</i> e implementação sistematizados de cursos a distância, utilizando, além do material impresso, transmissões por televisão aberta, rádio e fitas de áudio e de vídeo, com interação por telefone, satélite e TV a cabo.
3ª	1990	Essa geração é baseada em redes de conferência por computador e estações de trabalho multimídia

EAD NO EXÉRCITO

O Exército conhece e utiliza o EAD há vários anos, desde os antigos Curso de Preparação para a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO) e para a Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME), os cursos de Orientação Educacional, de Análise e Elaboração de Currículos e o Telensino de Idiomas. Essa modalidade de ensino tem contribuído grandemente para a capacitação continuada dos recursos humanos da Instituição. Hoje, várias escolas oferecem cursos desenvolvidos integralmente a distância, como o Curso de Aperfeiçoamento Militar (CAM) da EsAO para oficiais do Quadro Complementar; os Cursos de Idiomas a Distância (CID) coordenados pelo Centro de Estudos de Pessoal (CEP); o Curso Preparatório para o Curso de Altos Estudos Militares (CP-CAEM), da ECEME; e o Curso de Artilharia e Defesa Antiaérea (CArDAAe-Of) para oficiais aperfeiçoados que servem em Organizações Militares de Artilharia Antiaérea ministrado pela Escola de Artilharia de Costa e Antiaérea (EsACosAAe).

O Departamento de Ensino e Pesquisa (DEP) gerencia o Portal de Educação do Exército (www.ensino.eb.br) e fornece suporte de informática para os sistemas de troca de informa-

ções e EAD das escolas e Colégios Militares. Além disso, utiliza diretamente o EAD em cursos voltados para a capacitação de recursos humanos da Força Terrestre, como o curso de Português Instrumental, aberto a todos os militares e atualmente com 800 alunos inscritos; o curso de treinamento do Centro de Excelência em Engenharia e Transporte (CENTRAN); o de Capacitação de Profissionais de EAD, para professores de estabelecimentos de ensino do Exército; o de Capacitação em Língua Portuguesa - Redação, destinado aos candidatos ao concurso de admissão à ECEME; e os cursos de Análise e Melhoria de Processos, Melhoria Contínua e Planejamento Estratégico, solicitados pelo Gabinete do Comandante do Exército.

Outros cursos funcionam em sistema misto, com fases EAD e presencial, como o Curso de Aperfeiçoamento de Sargentos (CAS) da Escola de Aperfeiçoamento de Sargentos das Armas (EASA), o Curso de Gestão e Assessoramento de Estado-Maior (CGAEM) da ECEME, os Cursos de Aperfeiçoamento de Oficiais (CAO) da EsAO, e os cursos de Coordenação Pedagógica, de Psicopedagogia e Orientação Educacional, e de Gestão Estratégica de Recursos Humanos, todos do CEP (Quadro 2).

Quadro 2: Cursos EAD no Exército – Resumo

Estabelecimento de ensino	Cursos a Distância	Cursos Mistos
DEP	- Português Instrumental - Treinamento CENTRAN - Capacitação em EAD - Língua Portuguesa - Redação - Análise e Melhoria de Processos - Melhoria Contínua - Planejamento Estratégico - EAD do Colégio Militar de Manaus	
EC EME	Curso Preparatório para o Curso de Altos Estudos Militares	Curso de Gestão e Assessoramento de Estado-Maior
EsAO	Curso de Aperfeiçoamento Militar	- Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais (CAO) - CAO-Médicos
CEP	Curso de Idiomas a Distância	- Coordenação Pedagógica - Psicopedagogia e Orientação Educacional - Gestão Estratégica de RH
EASA		Curso de Aperfeiçoamento de Sargentos
EsACosAAe	Curso de Artilharia e Defesa Antiaérea	

CRESCE A OFERTA DE CURSOS PARA A FAMÍLIA MILITAR

Um desafio mais recente tem sido levar os benefícios do EAD à família militar. O Colégio Militar de Manaus (CMM) funciona, desde 2002, na modalidade a distância para alunos residentes nas localidades mais afastadas da Amazônia e carentes de ensino regular de qualidade, com amparo no artigo 30 e no § 4º do artigo 32 da LDB. A partir de 2006, foi acrescentado ao projeto também o Ensino Médio. O CMM atende ainda dependentes de militares em missão no exterior, evitando que percam anos letivos ao afastarem-se do sistema de ensino nacional. No corrente ano, o programa de EAD do Colégio conta com 223 alunos no Brasil e 48 no exterior, distribuídos pelas sete séries dos Ensinos Fundamental e Médio. Além disso, com o apoio do Ministério da Educação e da Secretaria de Educação e Qualidade de Ensino do Amazonas, está sendo atendida, em caráter experimental e sem custos, a população voluntária nos Pelotões Especiais de



Fronteira de Estirão do Equador, Palmeiras do Javari, Vila Bittencourt e Ipiranga, todos no Estado do Amazonas.

Quadro 3: Cursos de pós-graduação EAD

DEPARTAMENTO DE ENSINO E PESQUISA Convênios com Estabelecimentos de Ensino Civis Educação Superior a Distância						
UNIVERSIDADE	CURSOS	INSCRITOS	CURSANDO			Total Cursando
			Mil	Dep	Civ	
<i>UFRRJ</i> (pós-graduação lato sensu)	Coordenação Pedagógica	343	107	21	95	223
	Psicopedagogia e Orientação Educacional	521	124	34	154	312
	Gestão Estratégica de Recursos Humanos	547	190	28	128	346
	Subtotal	1411	421	83	377	881(1)
<i>UFF</i> (pós-graduação lato sensu)	Instrumentação de Ensino de Matemática	285	59	04	105	168
	Criptografia e Segurança em Redes	434	112	04	131	247
	Sistemas Modernos de Telecomunicações	268	47	03	60	110
	Subtotal	987	218	11	296	525 (2)
<i>UCB</i> (pós-graduação lato sensu)	Docência do Ensino Superior	528	122	25	217	364
	Língua Portuguesa	180	34	12	78	124
	Gestão Estratégica de Recursos Humanos	220	32	14	103	149
	Gestão Administração Pública	640	203	14	228	445
	Gestão da Comunicação e Marketing Institucional					
	Subtotal	1753	432	70	712	1214
Coordenadoria EAD/DEP	Português Instrumental	800	800	-	-	800 (3)
TOTAL		4951	1871	164	1385	3420

(1) Cursos em fase final. Convênio não renovado

(2) Dados da 1ª turma. Novo curso teve início em Set 2006

(3) Conclusão do curso dia 28 Jul 2006. Próximo curso no 2º semestre/2006, com previsão de 800 alunos inscritos

CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO EAD

No nível superior, o DEP vem, há alguns anos, construindo uma tradição de parcerias, originalmente direcionadas para pós-graduação de militares, com diversas universidades. Posteriormente, os cursos foram abertos ao público civil, a fim de colaborar com o sistema de ensino superior nacional e proporcionar maior interação com a sociedade. Atualmente, os convênios para cursos de pós-graduação a distância junto à Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Universidade Federal Fluminense (UFF) e Universidade Castelo Branco (UCB) atendem mais de 2 mil alunos, entre militares e dependentes, distribuídos por diferentes cursos (Quadro 3).

CURSOS DE GRADUAÇÃO EAD

A grande novidade são os cursos de graduação a distância junto à Universidade do Sul de Santa Catarina

(UNISUL), que oferece 12 opções para militares e dependentes, e que contam, hoje, com 1.164 alunos inscritos em 2006 (quadro 4). Além de facilitar o acesso ao ensino superior, a um custo acessível, a partir de qualquer região do País, o convênio é uma excelente oportunidade para que os dependentes prossigam ou complementem seus estudos, muitas vezes prejudicados pelas transferências ou pela inexistência de oferta de cursos de nível superior nas guarnições em que vivem. Uma vantagem adicional é que, ao ser transferido, o militar e o familiar não precisam interromper o curso.

Com essas ações, o Exército Brasileiro utiliza a educação a distância para suprir suas necessidades de capacitação de recursos humanos, bem como para atender às demandas de seu público interno. O EAD constitui-se em ferramenta poderosa e flexível e é a chave fundamental para a condução do processo educacional nos tempos modernos. ➡

Quadro 4: Cursos de graduação EAD

Univer- sidade	CURSOS	INSCRITOS		SITUAÇÃO						TOTAL	
		2006 1º Sem	2006 2º Sem	Mil		Dep		Civ		2006 1º Sem	2006 2º Sem
				2006 1º Sem	2006 2º Sem	2006 1º Sem	2006 2º Sem	2006 1º Sem	2006 2º Sem		
U N I S U L (gradu- ação)	Bacharelado em Administração	58	53		51		2		0		53
	Bacharelado em Ciências Contábeis	64	55		44		10		1		55
	Licenciatura em Matemática	52	40		38		2		-		40
	Gestão da Tecnologia da Informação	65	47		32		8		7		47
	Gestão Estratégica das Organizações	21	19		10		7		2		19
	Gestão em Varejos e Serviços	16	12		4		6		2		12
	Web Design e Programação	164	105	485	88	103	14	37	3	625	105
	Tecnologia em Administração Pública	137	90		72		14		4		90
	Bacharelado em Turismo Rural	20	22		16		6		-		22
	Gestão em Comércio Exterior	28	26		19		6		1		26
	Tecnologia em Multimídia Digital	-	22		19		3		-		22
	Licenciatura em Pedagogia	-	48		9		33		6		48
TOTAL		625	539	485	377	103	104	37	21	625	539



FUZIL 5,56 IMBEL MD97L



A pesar do advento das armas de destruição em massa, de bombas inteligentes, da guerra eletrônica e do incremento tecnológico dos materiais de emprego militar, o papel que o soldado desempenha no campo de batalha é insubstituível. Independentemente do posto ou graduação, o combatente é dotado de seu armamento individual. A arma básica no teatro de operações moderno ainda é o fuzil de assalto. No Brasil, essa classe de armamento é bem representada pelo Fuzil 5,56 IMBEL MD97L, desenvolvido e produzido pela Indústria de Material Bélico – IMBEL – na Fábrica de Itajubá (MG).

ANTECEDENTES HISTÓRICOS

A Alemanha foi o primeiro país que buscou conjugar as dimensões reduzidas e o poder de fogo de uma metralhadora de mão a uma munição potente como a dos fuzis. Afinal, a guerra de trincheiras, com tiros à longa distância, tinha visto seus últimos dias com o fim da Primeira Guerra Mundial. Os combates saíram dos campos e tomaram as cidades, o que tornou necessário armas menores, mais leves e com grande poder de fogo. A metralhadora de mão mostrou-se então uma excelente resposta para os novos tempos. Entretanto, quando o embate era travado em campo aberto, as pequenas metralhadoras que usavam munição de arma curta perdiam efetividade e o velho fuzil, com sua munição de longo alcance, era a única alternativa. O equilíbrio foi obtido com a percepção de que, embora se necessitasse de uma arma que funcionasse com regime de fogo automático e semi-automático, a munição utilizada não precisaria considerar alcances tão longos como aqueles dos calibres dos fuzis da época. Com base na idéia de uma munição de mesmo diâmetro, mas com peso de projétil e carga propelente proporcionalmente reduzidas, a indústria alemã desenvolveu dois novos conceitos: o cartucho curto (*kurzpatrone*) e o fuzil de assalto (*sturmgewehr*). Dessa forma, além dos benefícios advindos da redução de todo o mecanismo e do cano da arma, o infante alemão poderia levar mais cartuchos. Anos mais tarde, esses conceitos foram completamente assimilados pelos outros exércitos e passaram a balizar a grande maioria dos projetos de fuzis de assalto, tanto da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) como do Pacto de Varsóvia.

A coexistência pacífica experimentada durante o subsequente período pós-guerra não refreou o ímpeto das pesquisas. Os ensinamentos colhidos nos conflitos lo-

Fz 5,56 IMBEL MD97L com mira Aimpoint e bandoleira de três pontos



calizados, ocorridos durante esse período, apontavam para a necessidade de novas mudanças na arte da guerra e na ciência militar, principalmente em relação ao calibre dos fuzis de assalto. A tendência de uso de calibres menores foi, novamente, trazida à tona no início dos anos 60, tendo como principal ícone dessa fase o fuzil norte-americano M16 calibre 5,56x45 mm.

A história do calibre 5,56x45 mm é cercada de questionamentos e, ainda hoje, há muita controvérsia em torno dos reais motivos para essa mudança de conceito – fossem eles razões operacionais ou os interesses comerciais envolvidos.

A FN *Herstal*, criadora do Fuzil Automático Leve (FAL), também realizou experimentos com o calibre 5,56. A base para esse projeto foi o FAL modificado e sua evolução inseriu a FN *Herstal* no disputado mercado de fuzis calibre 5,56. O domínio obtido pelo calibre 5,56x45 mm permitiu que a empresa propusesse, em 1980, algumas modificações na munição M193 a fim de melhorar sua performance. Essa nova versão, denominada SS109, era totalmente compatível com as armas em uso, mas, segundo o fabricante, sua eficiência era maior quando empregada em canos com passo de raizamento de 7 polegadas (178 mm).

Embora haja registro de novos tipos de munições, considera-se que a 5,56x45 mm represente grande evolução no campo da munição militar. Ela é empregada pela maioria dos exércitos ocidentais e permite o uso dos dois tipos de munições (M193 e SS109) em passos de raizamento variados, incluindo os passos intermediários de 9 e 10 polegadas.

O CALIBRE 5,56 NO EXÉRCITO BRASILEIRO

O início dos estudos que resultaram na adoção do calibre 5,56x45 mm pelo Exército Brasileiro remonta ao começo dos anos 80 e, assim como a evolução do armamento leve na Força Terrestre, está intimamente ligado à história da Fábrica de Itajubá (FI).

O objetivo, à época, era a obtenção de uma arma de concepção original, tanto quanto possível, e que guardasse analogias, notadamente de desempenho, com as similares estrangeiras de mesmo calibre. As dificuldades encontradas nos anos de 1981 e 1982 para a concretização de um protótipo fizeram com que o objetivo original do projeto fosse reavaliado em 1983. Essa decisão deu origem ao Fuzil 5,56 IMBEL MD1. O projeto desse fuzil previa uma caixa da culatra e carregador novos. Sua produção demandaria investimentos em processos, dispositivos, ferramentas e calibres, e o retorno do investimento estaria assegurado com um lote mínimo de 10.000 unidades comercializadas, meta improvável para aquela conjuntura.



Fz 5,56 IMBEL MD97L com acessórios (Aimpoint, lanterna tática, silenciador e lançador de granadas)

A homologação dos Objetivos Básicos Operacionais (OBO) 39/86 foi decisiva para a definição de novo rumo. A previsão do Estado-Maior do Exército (EME) era dotar, inicialmente, apenas o Batalhão de Forças Especiais, que contava com 561 homens. Como a demanda prevista não justificava o desenvolvimento de projeto de uma arma nova, a FI optou por um fuzil que aproveitasse os carregadores do M16 e o máximo de peças e processos de fabricação do FAL, incluindo a caixa da culatra. Dessa forma, em tempo relativamente curto, surgiram os modelos MD2 e MD3 – solução economicamente viável mas não ideal do ponto de vista técnico e operacional. O modelo MD2 era muito pesado se comparado aos outros fuzis de mesmo calibre. O protótipo, com a coronha rebatível, foi submetido à avaliação técnica no Campo de Provas da Marambaia como Material de Emprego Militar (MEM) tipo “E”, e seu desempenho foi considerado satisfatório. Apesar de nenhum dos protótipos ter sido submetido à avaliação operacional, o modelo MD2 passou a ser adotado por algumas Unidades do Exército e por diversas polícias. Para o mercado externo, continua sendo comercializado até os dias de hoje.

Em 1995, o EME reviu os Objetivos Básicos Operacionais para o Fuzil 5,56. Surgiu, daí, uma expectativa de demanda de um fuzil com diversas características não atendidas pela maioria das armas disponíveis no mercado internacional, incluindo o modelo IMBEL MD2 (ver Tabela 1). Na ocasião, os objetivos principais eram: desenvolver uma arma dentro dos limites de peso (3,8 kg) e inserir o mecanismo de rajada controlada (três tiros), colocando o protótipo com características próximas às de seus concorrentes.

Tabela 1: Quadro comparativo: Fuzis 5,56x45mm (Fonte: Jane's 2002/2003)

Modelo	Peso (Kg)	Comprimento (mm)	Comprimento do cano (mm)	Cadência (tpm)
AUG	3,8	805	508	650
FNC	4,0	1000/770	436	700
IMBEL MD2	4,5	1000/770	453	750
HK33	4,0	920/740	410	750
GALIL	3,9	980/742	460	650
FAMAS G2	3,8	757	488	1100
SIG SG G2	4,1	998/772	528	700
M16A3	3,5	990	508	950
IMBEL MD97L	3,6	990/750	437	950

Em dezembro de 1996, a FI solicitou ao Centro Tecnológico do Exército (CTEx) a avaliação técnica dos protótipos IMBEL. Esses protótipos não atingiram todos os requisitos absolutos, pois os Requisitos Técnicos Básicos (RTB) do projeto só foram homologados em setembro de 1997 com a Avaliação Técnica (AVALTEC) já em curso.

Em novembro do mesmo ano, a FI apresentou novos protótipos em conformidade com os requisitos absolutos e com algumas modificações de caráter operacional sugeridas pelo Centro de Instrução de Guerra na Selva, que realizou uma avaliação preliminar de alguns protótipos. A AVALTEC foi reiniciada com a nova arma, mas, em junho de 1999, as provas foram interrompidas, dada a inexistência de critérios objetivos para avaliação de alguns requisitos. Esse fato levou o CTEx a decidir pela interrupção da prova para revisão dos RTB.

O período decorrido até a homologação dos novos requisitos permitiu à FI conduzir diversos testes e introduzir mudanças maiores, baseadas nas ocorrências e observações colhidas durante as avaliações anteriores, em uma avaliação operacional realizada pela Força Aérea Brasileira com 30 protótipos e em diversas sugestões de usuários e colaboradores. O resultado permitiu ao Fz 5,56 MD97L atingir todos os requisitos absolutos e a grande maioria dos requisitos desejáveis e complementares estabelecidos pelo EME.

O FUZIL 5,56 MD97L

Para conhecermos o Fuzil 5,56 MD97L, vale detalhar um pouco mais o fato que impediu o aproveitamento do projeto do FAL. O FAL possui um sistema de trancamento por ferrolho basculante, que vincula seu trancamento à estrutura da arma. Dessa forma, essa estrutura tem que ser construída num material que suporte os esforços exercidos no momento do disparo. A maioria dos demais projetos de fuzis automáticos no calibre 5,56x45mm utiliza sistema de trancamento por ferrolho rotativo, que se tranca diretamente no cano feito em aço. A caixa da culatra, nesse modelo, passa a ser apenas a estrutura que abriga e relaciona os sistemas de alimentação, trancamento, disparo e extração/ejeção da arma. Pode, conseqüentemente, ser fabricada com materiais mais leves e menos resistentes que o aço, visto serem menores as forças ali exercidas.

Seguindo a tendência dos demais fabricantes, a equipe de projetistas da IMBEL desenvolveu projeto de ferrolho rotativo com trancamento diretamente no cano, montado sobre uma caixa da culatra feita em liga especial de alumínio.

Os fuzis e carabinas 5,56 IMBEL MD97 são armas que funcionam por ação da força expansiva dos gases resultantes da queima da carga de projeção. Para o aproveitamento de tal força, que irá atuar no destrancamento do ferrolho, existe uma tomada de gases no terço médio do cano. Um diferencial importante é que, diferentemente de alguns fuzis, em que parte dos gases é conduzida por um tubo até uma câmara no interior do ferrolho, nos fuzis IMBEL os gases atuam sobre um êmbolo situado próximo à tomada de gases. Esse fato evita o acúmulo de resíduos provenientes da queima dos gases propelentes na crítica região do ferrolho.

A posição do sistema de gases acima da linha geral da arma permitiu, ainda, manter o centro de gravidade sobre o eixo longitudinal do fuzil. Tal fato, aliado ao dimensionamento do sistema de trancamento, permite que o destrancamento e a abertura da arma, durante o ciclo de funcionamento, só se dê após o projétil ter ultrapassado a boca da arma. Dessa forma, a precisão do tiro não é comprometida pelo deslocamento de massas, como ocorre em algumas armas automáticas.

Seu funcionamento, conforme a versão, pode ser de repetição, para o lançamento de granada de bocal; semi-automático, para a realização do tiro intermitente; ou automático, para rajadas controladas de três tiros ou tiro contínuo. O tiro pode ser realizado com a coronha na posição normal ou rebatida.

O cano, fabricado pelo processo de martelamento a frio, possui alma raiada recoberta com uma camada de cromo duro, a fim de aumentar a sua vida útil e facilitar a limpeza interna. O passo de raiamento de 1:10" (1:254 mm) segue a tendência atual de se ter passos intermediários entre 1:12" e 1:7". Esse valor intermediário é a melhor solução para que os projéteis mais pesados se estabilizem, sendo, ainda, bastante adequada aos mais leves. Dessa forma, o MD 97 tem uma balística externa e terminal adequada, independentemente do tipo de munição utilizada.



Carabina 5,56 IMBEL MD97L com mira Aimpoint

A alimentação faz-se por intermédio de carregadores com interface STANAG (compatível com os carregadores Colt M16A2), com capacidade para 30 cartuchos. Em cada avanço do ferrolho, é carregado um cartucho e, durante o recuo, ele é extraído e ejetado da arma. Tais operações se repetem enquanto houver cartuchos no carregador. Uma vez esvaziado o carregador, o ferrolho é mantido à retaguarda pelo retém do ferrolho, indicando que o usuário deve realimentar a arma. A opção de fornecer os carregadores também em aço confere maior durabilidade e confiabilidade se comparado aos de outros fabricantes, que adotam somente a opção em alumínio.

Seguindo uma tendência mundial, buscou-se o desenvolvimento de variantes do modelo original, como, por exemplo, as carabinas 5,56 IMBEL MD97. Como a própria nomenclatura indica, trata-se de versão “cano curto” do fuzil 5,56 MD97L. Assim como o fuzil MD97L, as carabinas MD97 também foram avaliadas e aprovadas. Apresentada nas versões semi-automática (modelo LC) e com rajada de três tiros (modelo LM), possui dimensões e peso reduzidos. Suas características são

ideais para emprego por tropas especiais e para o trabalho policial. Nesse contexto, a Secretaria Nacional de Segurança Pública elegeu o modelo MD97LM para o treinamento da recém-constituída Força Nacional de Segurança Pública.

De uma maneira geral, no modelo MD97 foram adotadas diversas soluções já existentes, inclusive algumas do próprio FAL 7,62. Outras, como o sistema de rajadas curtas, constituem projetos inéditos que podem, também, ser adotadas para o FAL.



FICHA TÉCNICA

Características	Fuzil MD97L	Carabina M97LC e MD97LM
Peso sem carregador	3,65kg	3,35kg
Peso do carregador vazio	0,10kg	0,10kg
Peso do carregador municiado	0,45kg	0,45kg
Altura sem carregador	0,20m	0,20m
Altura com carregador	0,25m	0,25m
Largura	0,05m	0,05m
Comprimento com a coronha aberta	0,98m	0,85m
Comprimento com a coronha rebatida	0,74m	0,60m
Comprimento do cano	0,44m	0,33m
Vida do cano	Maior que 6.000 tiros	Maior que 6.000 tiros
Raiamento (passo de 1:10")	6 raia a direita	6 raia a direita
V _o (velocidade inicial)	920m/s	840m/s
Cadência teórica	850 a 950 tpm	900 a 1.000 tpm (MD97LM) 60 tpm (MD97LC)
Alcance de utilização	600m	300m
Funcionamento	SA/3T/A	SA (MD97LC) SA/3T/A (MD97LM)

SA: semi-automático; A: automático; 3T: rajadas de três tiros

PELOTÕES ESPECIAIS DE FRONTEIRA



2º PEF – Quérari, São Gabriel da Cachoeira-AM

O Comando Militar da Amazônia (CMA) é singular entre os Comandos Militares de Área. Ele tem sob sua responsabilidade cerca de 60% do território nacional. O Comando do CMA trabalha diuturnamente na coordenação das ações operacionais e logísticas na sua área de atuação, provendo as condições necessárias para o bom cumprimento da missão pelos seus escalões subordinados.

INTRODUÇÃO

O Pelotão Especial de Fronteira (PEF) é uma Organização Militar (OM) com características verda-

deiramente diferenciadas, uma vez que nele o Comandante tem responsabilidades que ultrapassam as lides normais da caserna.

Ali a liderança é uma ferramenta essencial, apoiada em um adequado conhecimento da natureza humana. Além desse aspecto, um PEF materializa a Estratégia da Presença na Amazônia, fundamental para a preservação da Região Norte do território brasileiro, conquistada por **Pedro Teixeira**.

Na análise da estratégia portuguesa, conhecida e valorizada pelos seus resultados, salta aos olhos a verdade contida nas célebres palavras do General



Destacamento São Salvador-AC



Rodrigo Otávio: “Árdua é a missão de defender e desenvolver a Amazônia. Muito mais árdua, porém, foi a de nossos antepassados em conquistá-la e mantê-la”.

Hoje, essas palavras motivam aqueles que servem na Amazônia, desde as capitais até seus limites mais remotos. Pessoas simples vivem nas proximidades ou dentro de um PEF e se entusiasmam com os desafios do dia-a-dia. Esses brasileiros, militares e civis, guardam as fronteiras e fortalecem a soberania brasileira na região, a despeito de todas as dificuldades.

A VIDA EM UM PEF POR QUEM VIVE LÁ

No passado, o militar destacado para a fronteira não era recrutado entre voluntários. As condições de vida e o isolamento desencorajavam qualquer um a servir nessas terras longínquas.

Hoje, a situação é outra. Além de voluntários, os militares dos PEF contam com o apoio da Força Aérea Brasileira e da Aviação do Exército para atender às suas necessidades, principalmente as de apoio logístico.

Com o desenvolvimento da Tecnologia da Informação, o advento da Internet e a consequente utilização da telefonia por satélite, a sensação de isolamento foi bastante atenuada.

Segundo o Tenente **Euler**, Comandante do 3º PEF/ 5º Batalhão de Infantaria de Selva (BIS), em São Joaquim, no Noroeste do Estado do Amazonas, em seu segundo ano de comando, “o dia-a-dia do PEF é bem diferente daquele de outras OM. O trabalho é muito diferente e a experiência é maravilhosa. Aqui você consolida e aplica todos os seus conhecimentos e tem uma convivência muito próxima com os subordinados e as comunidades indígenas.”

Para o Sargento **Laguardia**, de Plácido de Castro, no Acre, foi na Amazônia que sentiu seu coração de soldado bater mais forte. “Fui voluntário para vir e sou voluntário para ficar. Aqui, como dizem em outros PEF, o pôr-do-sol não significa o término de uma jornada de trabalho, mas sim o início de outra. É uma aventura que todo dia recomeça.”

A esposa do Tenente **Azevedo** nem sabia o que era um PEF quando se casou com o oficial. Saiu de Porto Alegre para Boa Vista e, dali, para Surucucu. Advogada, recém-formada, não podia exercer sua profissão, pois não havia clientes a serem defendidos nem querelas judiciais. “Aqui, se alguém reclamar, o cacique ou meu marido resolvem e, com o respeito que as pessoas têm pelo Exército, logo tudo se ajeita.”

O General **Cerqueira**, Comandante Militar da Amazônia, tem destacado o valor profissional dos militares dos PEF: “Sinto-me orgulhoso em ver o trabalho abnegado desses jovens em defesa da nossa soberania e do nosso patrimônio na Amazônia. Apesar da pouca experiência, eles têm demonstrado possuir competência à altura da responsabilidade que a Nação lhes confia.”

OS TIPOS DE PEF

Atualmente, CMA dispõe de três tipos de OM especiais de fronteira – o Destacamento, o Pelotão e a Companhia.

O Destacamento Especial de Fronteira é o núcleo inicial de um futuro Pelotão ou Companhia. Seus homens permanecem em instalações provisórias, sem familiares. O efetivo varia entre 10 e 20 homens. Há seis Destacamentos na região Amazônica.



2º PEF – Querari, São Gabriel da Cachoeira-AM



1º PEF – Palmeira do Javari-AM



O segundo tipo é o PEF propriamente dito, com 66 homens comandados por um Tenente e todas as instalações comuns a qualquer aquartelamento: alojamentos, próprios nacionais residenciais, salas de instrução etc. Além dessas, há outras instalações peculiares, como carpintaria, padaria, horta, currais, pomares, igreja; enfim, tudo aquilo que é necessário para a sobrevivência de uma pequena comunidade. Nele vivem, em média, 15 dependentes de militares. O CMA possui 28 PEF.

O terceiro tipo são as Companhias Especiais de Fronteira (CEF), comandadas por capitães que já concluíram a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais. O CMA possui duas CEF, cada uma delas com um efetivo de cerca de 250 homens, que ocupam instalações maiores e em maior número do que aquelas destinadas aos pelotões. O número de dependentes é variável.

No total, cerca de 5% do efetivo do CMA, ou seja, aproximadamente 1.400 homens, guarnecem organizações militares especiais de fronteira. A soma dos dependentes desses militares totaliza mais de mil pessoas, entre esposas e filhos, que habitam as localidades.

É interessante observar que, em torno dos PEF, vive um grande número de civis. Muitos deles nasceram e cresceram sem jamais terem saído dali. Essas pessoas têm fortes ligações com o Exército e, na maioria das vezes, sobrevivem graças à Força Terrestre. Tanto que, na última contagem realizada pelo CMA, em fevereiro de 2006, chegou-se ao total aproximado de 73.000 civis que vivem no entorno dos PEF e que sobrevivem em função do apoio oferecido pelo Exército, principalmente na área de saúde.

É difícil a avaliação do Índice de Desenvolvimento Humano dos civis, mas, no geral, é baixo, grandemente influenciado pelo quesito renda, como na maioria das pequenas comunidades. No que diz respeito à Educação, o Exército, por meio do Colégio Militar de Manaus, tem levado a modalidade de Ensino a Distância a to-

das essas áreas. Hoje, cerca de 250 alunos em toda a Amazônia estão recebendo ensino de qualidade. Há também cursos a distância de graduação e de pós-graduação de universidades brasileiras. Os governos estaduais participam desse processo. É uma ampla iniciativa que prioriza a educação das crianças e também atende aos adultos.

Finalmente, vale ressaltar que a Internet está presente em 100% dos PEF, assim como o telefone. A eletricidade, porém, é uma carência. Grande parte das OM utiliza geradores a diesel.

MACROPROJETO PEF E A TRÍADE DA SOBERANIA

No ritmo da Excelência Gerencial, o CMA vem arquitetando seu macroprojeto para as OM de fronteira. A gestão do projeto é tarefa hercúlea, pois envolve aplicação de recursos volumosos em curto e médio prazos, grande número de pessoas, ações concorrentes de diversos órgãos públicos, deslocamentos aéreo, fluvial e terrestre de difícil execução em um território de quase quatro milhões de km² e visão prospectiva que permita convergir interesses de toda ordem em benefício das gerações futuras. É um desafio enorme, tipicamente amazônico.

Sob a ótica militar, ao visualizar o futuro, a reflexão dos Estados-Maiores em todo o CMA, no que diz respeito à faixa de fronteira, considera a tríade Vida, Combate e Trabalho. Em síntese, a soberania brasileira na região sustenta-se nesses pilares que compõem a chamada Tríade da Soberania.

Em um PEF, a tríade se torna muito evidente. Alimentar a tropa é atividade logística de Combate, que dá suporte à Vida. A horta e a pocilga do Pelotão exigem mão-de-obra dos integrantes da própria OM, uma vez que os alimentos não chegam a preços acessíveis às áreas mais distantes da fronteira.

Na área de saúde, as ações vão da vacinação à telemedicina. Na agropecuária, no ano de 2005, 15 PEF receberam tratores com carretas e roçadeiras. Alguns

receberam também o arado. Em 2006, há previsão de distribuição de mais maquinário.

Na área militar, o estado de prontidão dos militares que servem nessas áreas tem confirmado, ao longo dos anos, a eficácia daquela que é 1ª Linha de Vigilância Terrestre na Região Norte.

As fontes de recursos para a condução desse macroprojeto são as mais diversificadas. As principais, entretanto, são o orçamento militar e os recursos oriundos de convênios com órgãos públicos. Deve-se ressaltar, também, o próprio trabalho de militares e civis, uma fonte relevante de recursos e de produção de riquezas de toda ordem.



CONCLUSÃO

Viver em um PEF é um grande desafio. Os problemas se multiplicam em proporções amazônicas. O simples ato de estudar exige uma coordenação complexa que envolve muitos organismos e recursos. Mas desistir do conhecimento é hipótese não considerada pelo Exército.

Os militares do CMA encaram a questão da defesa do território como missão primordial, que exige uma responsabilidade incomum da juventude que garante os PEF. Impressiona a seriedade dos jovens verde-oliva no cumprimento de suas missões, demonstrando que as Escolas Militares estão de fato formando líderes à altura dos desafios do Exército do século XXI. —

VIDA	COMBATE	TRABALHO
Saúde	Vigilância	Agropecuária
Educação	Guarda	Tecnologia
Lazer	Reconhecimento de fronteira	Serviços
Alimentação	Adestramento	Construção



Fotos: Sgt Machado/Cia CMA



VIATURAS BLINDADAS NO EXÉRCITO BRASILEIRO

Nos dias atuais, não há como se pensar em força terrestre sem o emprego de blindados. Essas viaturas especiais estão presentes em qualquer situação que exija o emprego da força como fator de acréscimo ao poder de combate, em conflitos externos, ou como elemento de dissuasão, em conflitos internos.

A história dos blindados no Brasil começa no ano de 1921, quando o Exército Brasileiro (EB) adquire o carro de combate (CC) Renault. O termo blindado designa, de forma genérica, todo veículo automotor que possui relativa proteção blindada e é empregado em campanha diretamente no combate ou para transportar pessoal. Atualmente, estão em uso no EB as seguintes viaturas blindadas: EE-9 Cascavel, EE-11 Urutu, Leopard 1 A1, M60 A3 TTS, M113 B, M 41C e M108/109.

O EE-9 Cascavel é uma Viatura Blindada de Reconhecimento (VBR) fabricada pela empresa brasileira ENGESA S.A. O Cascavel, que entrou em operação no EB na década de 70, mobilia os Regimentos e Esquadrões de Cavalaria Mecanizados. É operado por uma guarnição de três homens e seus armamentos são um canhão de 90 mm, com alcance de 2 km, e duas metralhadoras MAG 7,62 mm, além da possibilidade de disparar seis granadas fumígenas simultaneamente. Desenvolve a velocidade máxima de 100 km/h em estrada e tem autonomia de 750 km com um tanque de combustível. É empregado nas operações de reconhecimento e segurança.

Já o EE-11 Urutu é uma Viatura Blindada de Transporte de Pessoal (VBTP), também fabricada pela ENGESA S.A. Sua blindagem protege a guarnição contra tiros diretos de armamentos até o calibre 7,62 mm. Assim como o Cascavel, o Urutu equipa os Regimentos e Esquadrões de Cavalaria Mecanizados. Transporta até 12 homens e seu armamento é constituído de uma metralhadora .50, instalada na torre da viatura. O Urutu é uma viatura anfíbia que permite, mediante rápida preparação, o deslocamento no meio aquático, onde desenvolve velocidade de até 2 km/h.

A Viatura Blindada de Combate (VBC) Leopard 1 A1, de fabricação alemã, é uma das últimas aquisições de blindados da Força Terrestre e entrou em operação em 1997. Seu armamento principal é um canhão 105 mm, com alcance de 4 km, e o secundário é constituído de duas metralhadoras MAG 7,62 mm. O Leopard incorpora sistemas agregados de alta tecnologia que aumentam sobremaneira sua letalidade em combate. Destacam-se os equipamentos de estabilização do canhão, que possibilitam o tiro com a viatura em movimento; o controle de tiro computadorizado, que proporciona menor tempo de resposta ao fogo inimigo; e o telêmetro laser, que assegura precisão na medição de distâncias e, conseqüentemente, na realização do tiro. Seu motor de 830 HP possibilita que a viatura desenvolva velocidade de 62 km/h em deslocamento fora de estrada. É operado por uma guarnição de quatro homens.

Desde o início da década de 60, mais de 80.000 unidades da VBTP M113-B foram produzidas. Cerca de 55 países, incluindo o Brasil (Exército e Marinha) utilizam esse blindado, que possui o maior número de versões – mais de 150 modelos. De fabricação americana, é ágil, rústico e de fácil manutenção. Atualmente, mobilia os Batalhões de Infantaria Blindados, de Engenharia de Combate, os Regimentos de Cavalaria Blindados os Grupos de Artilharia Autopropulsados e as Companhias de Comunicações Blindadas. Destina-se ao transporte de pessoal e oferece proteção blindada nos deslocamentos em combate. Também pode ser empregado em conjunto com um dos tipos de VBC, formando o binômio denominado Força-Tarefa Blindada (FT Bld). Sua versão M113-B, modernizada e nacionalizada, transporta 11 homens prontos para o combate, oferecendo proteção blindada contra tiro direto de projétil até 7,62 mm. Utiliza como armamento principal a metralhadora .50, montada na sua torre. Desenvolve 62 km/h de velocidade máxima fora de estrada e desloca-se na água com velocidade máxima de 5,6 km/h. Possui uma autonomia de 540 km e pode ser lançado de pára-quadras.

O M41-C é uma VBC que está em operação no EB desde o início da década de 60. Essa viatura, também de fabricação americana, mobilia os Regimentos de Cavalaria Blindados e é empregada em operações ofensivas formando FT Bld com os M113-B. A versão M41-C conta com modificações que foram feitas a fim de modernizar o carro de combate, como o canhão de 90 mm, que substituiu o de 76 mm, e o motor a diesel, em substituição aos originais à gasolina. Sua velocidade máxima é de 65 km/h, apresenta autonomia de 460 km, peso de 26.300 kg pronto para o combate e é operado por uma guarnição de quatro homens.

As Viaturas Blindadas de Combate Obuseiro Autopropulsado M108 105 mm e M109 155 mm foram desenvolvidas pela Cadillac Gage Motor Car Division da General Motors, nos Estados Unidos, a partir de 1954. Essas duas viaturas blindadas destinam-se ao apoio de fogo no curso das operações ofensivas e defensivas e podem realizar tanto o tiro indireto (cur-

vo) como o direto. O obuseiro M 108 de 105 mm, que chegou no Brasil por volta de 1977, é utilizado pelas Unidades de Artilharia pertencentes às Brigadas Blindadas e Mecanizadas. Já o M109 de 155 mm versão A3, que realiza tiros curvos com alcance de até 23.500 m, entrou em operação no País a partir de 1999 e é utilizado pelas Artilharias Divisionárias da Força. Integram, ainda, a família do M109 o veículo de direção e controle de tiro, equipado com um sistema de computador tático nível Grupo, e uma viatura de remuniciamento (M992). O M992 pode remunciar qualquer versão do M109, é totalmente automatizado e possui a capacidade de transportar 110 tiros de 155 mm e remunciar até seis tiros por minuto. Ambas são montadas sobre o mesmo chassi.

A VBC M60 é um carro de combate de fabricação norte-americana. O EB utiliza, desde 1997, a última versão dessa viatura blindada denominada A3 TTS (*Thermal Target System*). Seu projeto foi concebido com a finalidade de criar uma plataforma estabilizada, que permitisse a realização do tiro do canhão a longas distâncias, com elevada probabilidade de acerto no primeiro tiro mesmo contra alvos em movimento e sob qualquer situação climática e de visibilidade. O armamento principal dessa VBC é um canhão de 105 mm, que realiza o tiro estacionário ou em movimento, com alcance útil de 4 km. Uma metralhadora M240-H coaxial constitui-se em seu armamento secundário. O M60 pode operar em ambiente químico, biológico e nuclear (QBN). Desenvolve a velocidade máxima de 48 km/h através campo e tem autonomia de 450 km. Pode ultrapassar cursos d'água de até 1,20 metros sem preparação ou de até 2,40 m com preparação; atirar à noite com a utilização do equipamento de visão termal, que tem alcance de 2,5 km; prover limitada cortina de fumaça e realizar o tiro indireto. Essa viatura opera com uma guarnição de 4 homens e seu peso quando pronta para o combate é de 52.000 kg. Dispõe de sistemas hidráulicos e de estabilização do canhão, computador de controle de tiro e equipamento de telemetria laser. ➡



VBTP EE-11 Urutu



VBC Leopard 1A1



VBC M41-C



VBC M60 A3 TTS



VBC M109 A3



VBR EE9 Cascavel

Centros de Instrução do Exército Brasileiro

Os Centros de Instrução são importantes instrumentos de preparação da Força Terrestre e estão distribuídos, no território nacional, em cinco dos sete Comandos Militares de Área. Essas organizações militares vêm contribuindo para atender às necessidades do Exército no que tange à capacitação dos recursos humanos, à elaboração de doutrinas próprias e ao adestramento de pequenas frações, de pelotão, de subunidade e de unidade.

O Comando de Operações Terrestres (COTER) é

o Órgão de Direção Setorial que tem a responsabilidade de prestar apoio, orientar o preparo, acompanhar e supervisionar as atividades da maioria desses Centros, particularmente aquelas voltadas para a elevação dos níveis de operacionalidade das Forças de Emprego Estratégico e de Ação Rápida (FAR). Além dessas, as que tenham por objetivos a modernização, a padronização da instrução e o adestramento.

A seguir, serão apresentados, sucintamente, os Centros de Instrução existentes no Exército Brasileiro.

CENTRO DE INSTRUÇÃO PÁRA-QUEDISTA GENERAL PENHA BRASIL (CI Pqdt GPB)

Originário da Escola de Pára-quedismo criada em 1945, teve por base para sua organização o Núcleo de Formação e Treinamento de Pára-quedistas. Passou por várias subordinações e transformações até chegar à sua denominação atual em 11 de janeiro de 1972. Seu aquartelamento encontra-se na Colina Longa, localizada na Vila Militar (Rio de Janeiro-RJ). É subordinado à Brigada de Infantaria Pára-quedista e tem por missões formar e especializar recursos humanos para o preenchimento de cargos da Brigada de Infantaria Pára-quedista, da Brigada de Operações Especiais e da 3ª Companhia de Forças Especiais; pesquisar sobre a atividade aeroterrestre e de aerotransporte para a evolução das técnicas e procedimentos adotados em operações aeroterrestres; e contribuir para o desenvolvimento da doutrina militar na área de sua competência. Ao longo do ano, aproximadamente 2.000 militares frequentam os cursos e estágios ministrados pelo CI Pqdt GPB.



CENTRO DE INSTRUÇÃO DE GUERRA NA SELVA (CIGS)



Criado em 02 de março de 1964, está localizado na cidade de Manaus (AM). No período de 1970 até janeiro de 1978 ostentou a denominação de Centro de Operações na Selva e Ações de Comandos (COSAC). Em seguida, voltou à sua designação original e deixou de ministrar o Curso de Ações de Comandos. É subordinado ao Comando Militar da Amazônia e tem por missões conduzir estágios e o Curso de Operações na Selva em três categorias, para especializar oficiais, subtenentes e sargentos para combater no ambiente operacional de selva; realizar pesquisas e experimentação doutrinária sobre material de emprego militar; e, eventualmente, adestrar, naquele ambiente de selva, tropas de outras regiões do País. Anualmente, cerca de 600 militares frequentam os cursos e estágios ministrados pelo CIGS.

CENTRO DE INSTRUÇÃO DE AVIAÇÃO DO EXÉRCITO (CIAvEx)

Tem sua origem no ano de 1991, com a criação do Núcleo do Centro de Instrução de Aviação do Exército, que deu início aos trabalhos que permitiram a consolidação do CI Av Ex. No ano seguinte, o novo Centro passou a funcionar em seu atual aquartelamento na cidade de Taubaté (SP). É uma Organização Militar subordinada ao Comando de Aviação do Exército, localizado na área do Comando Militar do Sudeste. Suas principais missões são ministrar cursos e estágios de formação, especialização e aperfeiçoamento de pessoal da Aviação do Exército (Av Ex); contribuir para o aperfeiçoamento da doutrina de aviação; atualizar o conhecimento técnico-profissional do pessoal da Av Ex; e padronizar procedimentos técnicos e táticos no âmbito do Comando de Aviação do Exército. Anualmente, cerca de 400 alunos participam dos cursos ministrados nesse Centro.



CENTRO DE INSTRUÇÃO DE OPERAÇÕES ESPECIAIS (CI Op Esp)



Criado em setembro de 2003, iniciou suas atividades em janeiro de 2004. Sua sede está localizada na cidade do Rio de Janeiro (RJ), nas antigas instalações do 1º Batalhão de Forças Especiais. É subordinado à Brigada de Operações Especiais (Goiânia-GO) e está vinculado à Brigada de Infantaria Pára-quedista (Rio-RJ) para as atividades aeroterrestres. Tem por missões capacitar os recursos humanos pertencentes às Organizações Militares subordinadas à Brigada de Operações Especiais; contribuir para o desenvolvimento da doutrina de Operações Especiais no Exército Brasileiro; e realizar a pesquisa e a experimentação de novas técnicas operacionais e de equipamentos peculiares às Operações Especiais. Anualmente, cerca de 150 militares frequentam os cursos ministrados pelo CI Op Esp.

CENTRO DE PREPARAÇÃO E AVALIAÇÃO PARA MISSÕES DE PAZ DO EXÉRCITO BRASILEIRO (CEPAEB)

Criado em 12 de março de 2001, é orgânico do COTER e tem por missões preparar e avaliar os militares designados para participar de missões de paz, de acordo com as regras recomendadas por Organismo Internacional; contribuir, mediante solicitação de órgãos governamentais, com a preparação e a avaliação do pessoal civil designado para participar de missões de paz; acompanhar a evolução da doutrina de Força de Paz; representar o Exército Brasileiro nos foros apropriados; orientar e acompanhar a instrução da tropa designada para missões de paz; orientar e conduzir a instrução do pessoal designado para missões de paz; acompanhar os exercícios de Força de Paz; orientar e coordenar o

exercício no terreno de encerramento do preparo de Força de Paz; elaborar as normas e as diretrizes de instrução para os contingentes, de acordo com as orientações específicas do Organismo Internacional; certificar o nível de desempenho da tropa designada para operações de paz; certificar o nível de desempenho do pessoal designado para missões de paz; planejar, organizar, conduzir e participar de seminários, simpósios, intercâmbios e palestras destinados a ampliar e a difundir conhecimentos sobre a doutrina das missões de paz; e elaborar e propor ao Comandante de Operações Terrestres os Programas-Padrão de Instrução Militar e os Cadernos de Instrução relativos ao preparo de Força de Paz.

CENTRO DE INSTRUÇÃO DE OPERAÇÕES DE PAZ (CI Op Paz)

Criado em 23 de fevereiro de 2005, tem por missões contribuir para a pesquisa, o desenvolvimento e a validação da doutrina de emprego da Força Terrestre no tocante às Op Paz; planejar e conduzir cursos e estágios, a fim de habilitar militares e civis, pequenas frações, pelotões, subunidades e unidades designadas para o cumprimento de Op Paz; cooperar com os Estabelecimentos de Ensino do Exército quando da realização de seminários, exercícios e outras atividades relativas às operações de paz; participar da avaliação de militares, frações, subunidades e unidades designadas para o cumprimento de Op Paz; pre-

parar militares designados para cursos no exterior relacionados às Op Paz, bem como conduzir outros estágios especiais *ad-hoc* organizados; preparar observadores militares e oficiais de Estado-Maior designados para Op Paz; cooperar com a formação de recursos humanos das demais Forças Armadas, das Forças Auxiliares, de órgãos governamentais e entidades civis; e, sob orientação do CEPAEB/COTER, planejar e conduzir a preparação de contingentes para Op Paz. É subordinado à 1ª Divisão de Exército e está localizado na Vila Militar (Rio de Janeiro-RJ), área do Comando Militar do Leste.

CENTRO DE INSTRUÇÃO DE BLINDADOS GENERAL WALTER PIRES (CÍ BLD GEN WALTER PIRES)

Criado em 11 de outubro de 1996 e ativado no ano seguinte, constitui-se num dos vetores de modernização previstos no Sistema de Planejamento do Exército (SI-PLEx). O Centro serve de base e de fator de profissionalização para o Núcleo de Blindados da Força Terrestre. Iniciou suas atividades na cidade do Rio de Janeiro (RJ) e, em 2004, foi transferido para Santa Maria (RS). Subordinado à 6ª Brigada de Infantaria Blindada, localiza-se na área do Comando Militar do Sul. Sua principal missão é planejar e conduzir cursos e estágios, presenciais e a distância, de especialização e de extensão para oficiais e sargentos que ocupam cargos e funções em Unidades blindadas e (ou) mecanizadas e Estabelecimentos de Ensino da Força Terrestre. Além disso, coopera com: a manutenção e o aperfeiçoamento da doutrina de emprego de blindados no nível guarnições de viaturas blindadas, pequenas frações, pelotões e subunidades blindadas e (ou) mecanizadas; a atualização, a modernização e a padronização da instrução e do adestramento das guarnições de viaturas blindadas, pequenas frações, pelotões e subunidades blindadas e (ou) mecanizadas; outras Organizações Militares e Estabelecimentos de Ensino do Exército atuando como órgão técnico-normativo nos assuntos alusivos ao emprego técnico e tático de material bélico blindado e (ou) mecanizado; o Centro de Avaliações do Exército



do e (ou) mecanizado; o Centro de Avaliações do Exército (CAEx), na condução de avaliação técnica e operacional de material bélico blindado e (ou) mecanizado; o Centro de Avaliação do Adestramento do Exército (CAAdEx), na avaliação do adestramento técnico e tático de subunidade, pelotão e frações blindadas e (ou) mecanizadas; e com entidades civis e militares, nacionais e estrangeiras, de acordo com programas de interesse mútuo e com as diretrizes do escalão superior. Cerca de 170 militares frequentam, anualmente, os cursos e estágios desse Centro. —

Memorial Presidente Castello Branco



O memorial em homenagem ao Presidente **Humberto de Alencar Castello Branco**, que integra o conjunto de edificações da antiga sede do governo do Estado do Ceará – o Palácio da Abolição –, voltou a ser importante ponto turístico na cidade de Fortaleza. Projetado por **Sérgio Bernardes** e inaugurado em 1972, o monumento, de arrojadadas linhas arquitetônicas, foi totalmente recuperado. O memorial é um edifício com área útil de 270 m² composto por um bloco de concreto prismático longilíneo, dividido, no sentido do comprimento, por um septo que forma duas galerias. O conjunto é rematado pela Capela de Meditação, onde repousam os restos mortais do Presidente **Castello Branco** e de sua esposa; e por um pátio plantado de carnaubeiras e ipês-roxos. Na praça sobre a qual a edificação se projeta há um lago de água movimentada pela ação de repuxos ornamentais.

Com a reforma do memorial, os visitantes poderão conhecer melhor a história deste grande brasileiro que se destacou como Oficial de Operações da Força Expedicionária Brasileira na Campanha da Itália, Comandante da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, articulador do movimento cívico-militar de 1964 e Presidente da República. —



Visão interna do Memorial

“...não quis nem usei o poder como instrumento de prepotência. Não quis nem usei o poder para a glória pessoal ou a vaidade dos fáceis aplausos. Dele nunca me servi. Usei-o, sim, para salvar as Instituições, defender o princípio da autoridade, extinguir privilégios, corrigir vacilações do passado e plantar com paciência as sementes que farão a grandeza do futuro”. (trecho de pronunciamento feito durante a última reunião ministerial, no dia 14 de março de 1967).



**Marechal
José Pessoa Cavalcante de
Albuquerque**

O Marechal José Pessoa Cavalcante de Albuquerque idealizou a Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) e trabalhou incansavelmente por sua construção e para que ela adotasse essa denominação.

Nasceu em Cabaceiras (PB), em 12 de setembro de 1885. Foi aluno da Escola de Guerra de Porto Alegre (RS) de 1906 a 1909, quando foi declarado Alferes de Infantaria e de Cavalaria. Serviu em Unidades do Rio de Janeiro, da então Paraíba do Norte e de Salvador, onde foi instrutor militar na Faculdade de Medicina da Bahia e teve a oportunidade de combater o cangaço.

Em 1914, já transferido definitivamente para a Arma de Cavalaria, viu eclodir a Primeira Guerra Mundial. Em 1918, como 1º Tenente, realizou estágio na Escola Militar de *Saint-Cyr* e combateu no 4º Regimento de Dragões do exército francês, quando foi promovido ao posto de Capitão por bravura. Após a Guerra, realizou um curso na Escola de Carros de Versailles e escreveu o livro “O Tanque na Guerra Européia” (“tanque” é como

eram chamados os carros de combate). Foi o organizador e primeiro comandante da 1ª Companhia de Carros de Assalto do Exército Brasileiro.

Serviu na Escola Militar do Realengo como Fiscal Administrativo nos anos de 1923 e 1924 e, logo depois, comandou o 1º Regimento de Cavalaria Divisionário. Quando irrompeu a Revolução de 1930, foi designado para comandar o 3º Regimento de Infantaria. De 1931 a 1934 comandou a Escola Militar do Realengo, implementando melhora considerável na formação do Oficial do Exército Brasileiro, que passou a ser embasada na educação física, na cultura geral científica e na preparação profissional rigorosa. Durante esse comando, idealizou a Academia Militar das Agulhas Negras, restabeleceu o título de Cadete, criou o Corpo de Cadetes, com estandarte e brasão próprios, e modificou regulamentos e uniformes.

A mudança da sede da Escola Militar para longe da então Capital Federal era fundamental para o Coronel **José Pessoa**. Depois de muita procura, a cidade de Resende (RJ) foi escolhida para abrigar a Instituição. No entanto, diversos problemas políticos e econômicos impediram a sua construção naquele momento histórico. Apenas em 1938 a cidade foi confirmada para receber a nova Escola Militar. O então General-de-Brigada, que desde 1934, comandava o 1º Distrito de Artilharia de Costa e fundara o Centro de Instrução de Artilharia de Costa (atual Escola de Artilharia de Costa e Antiaérea), via seu sonho começar a se concretizar.

José Pessoa ainda serviu como Adido Militar na Inglaterra. Sua última comissão na ativa, recebida em 1948, foi a de comandante da Zona Militar do Sul.

Em 1949, deixou o serviço ativo. No ano de 1951, viu um dos seus maiores desejos realizado, quando a Escola Militar de Resende passou a chamar-se Academia Militar das Agulhas Negras.

Em 1955, a pedido do Presidente **Café Filho**, assumiu a presidência da Comissão de Planejamento e Localização da nova Capital Federal, desincumbindo-se com esmero de mais essa missão. Faleceu em 16 de agosto de 1959, após uma vida muito profícua.

O Marechal **José Pessoa** foi um militar além do seu tempo. Figura de estadista que idealizou a Academia Militar com a finalidade de entregar, ao Exército e ao Brasil, jovens oficiais bem preparados física, intelectual e moralmente. Seus ideais estão hoje personificados na honra e disciplina dos Cadetes da AMAN e cristalizados na mentalidade e nas atitudes dos integrantes da Força Terrestre. —

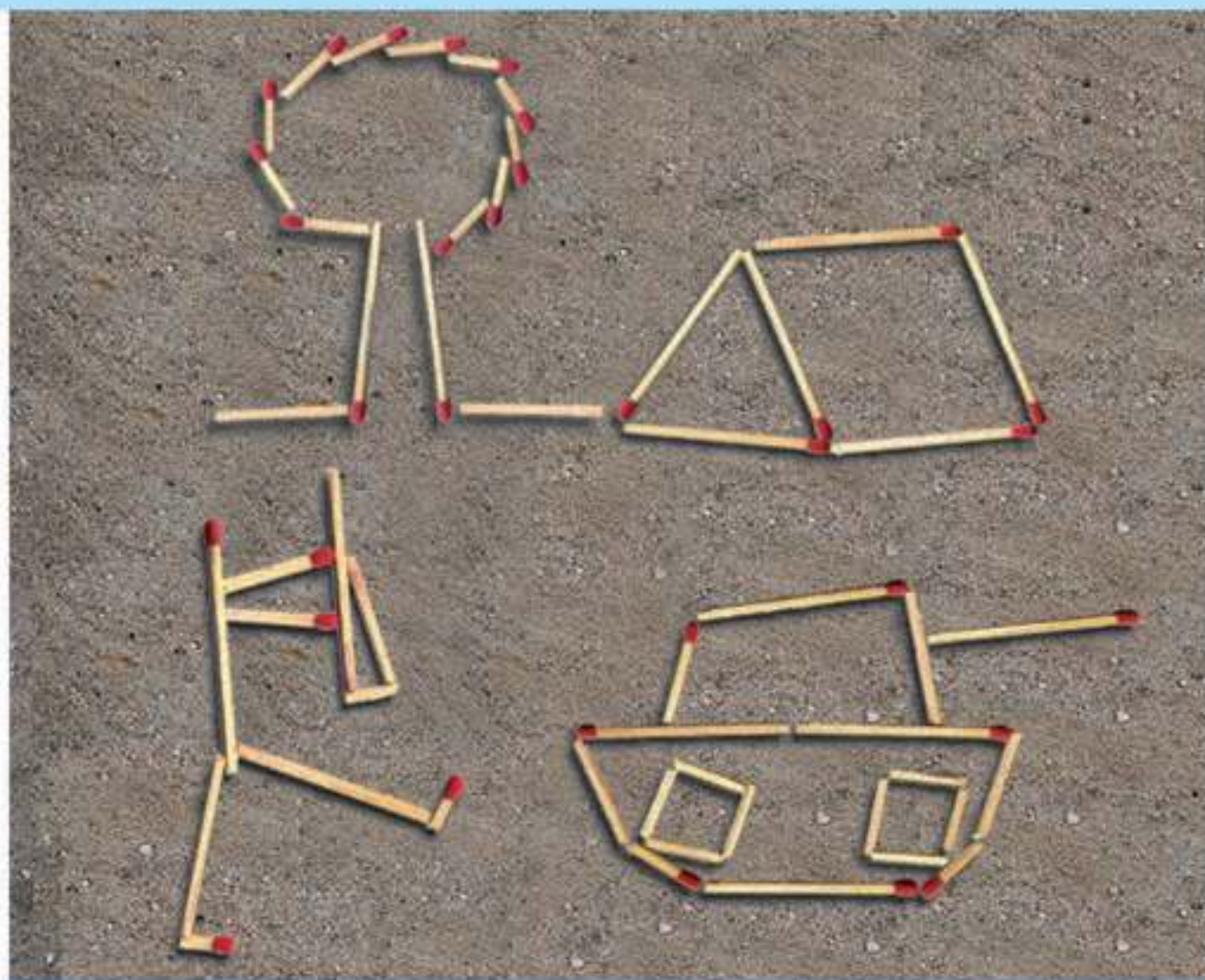
A Capemi homenageia a quem mais entende de estratégia neste país

O militar é, antes de tudo, um grande estrategista.

E a CAPEMI vem saudar estes homens que pensam a defesa do nosso País e agem, com precisão, para o benefício de milhões de brasileiros. Afinal, a empresa também se dedica, através de enorme obra social, ao exercício de batalhar pela melhoria das condições de vida da nossa população.

Além disso, podemos dizer que temos outro laço em comum com os grandes estrategistas do Exército: nossos Planos Previdenciários também são uma estratégia que a pessoa previdente traça para o seu futuro e para o futuro da sua família.

Por tudo isso, a CAPEMI faz questão de cumprimentar todos que integram as fileiras do Exército Brasileiro.



ALÔ CAPEMI 0800 723 3030
www.capemi.com.br

Capemi
PREVIDÊNCIA • SEGUROS

